

VISTA

ISLAND NATURE EXPEDITION / EXPEDICIÓN NATURALEZA DE LA ISLA

Expedição Natureza da Ilha



*Ahora, como siempre, es temprano.
Vuela la luz con sus abejas.
Déjenme solo con el día.
Pido permiso para nacer.*

PABLO NERUDA





Aurora na Barra da Lagoa da Conceição.
Dawn in Barra da Lagoa da Conceição.
Aurora en la Barra da Lagoa da Conceição.

Vista aérea do Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Aerial view of Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Vista aérea del Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

Piscina natural na Ponta do Gravatá.
Natural pool in Ponta do Gravatá.
Piscina natural en la Ponta do Gravatá.





Vista aérea da Lagoa da Conceição a partir do Morro da Costa da Lagoa. Ao fundo a Ilha do Xavier e o Oceano Atlântico, Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.
Aerial view of Lagoa da Conceição from the hill of Costa da Lagoa. Ilha do Xavier (Xavier Island) and the Atlantic Ocean in the background. Meiembipe Municipal Wildlife Refuge.
Vista aérea de la Lagoa da Conceição a partir del Morro da Costa da Lagoa. En el fondo, Ilha do Xavier y el Océano Atlántico. Refugio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.



Bote na Lagoa da Conceição, Parque Estadual do Rio Vermelho.

Boat in Lagoa da Conceição, Rio Vermelho State Park.

Bote en la Lagoa da Conceição, Parque Provincial de Rio Vermelho.

VISTA

ISLAND NATURE EXPEDITION / EXPEDICIÓN NATURALEZA DE LA ISLA

Expedição Natureza da Ilha

PHOTOS / ZÉ PAIVA / FOTOS

1ª EDIÇÃO / FLORIANÓPOLIS 2024

PRODUTO CULTURAL TOTALMENTE PATROCINADO PELO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS
POR MEIO DA LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA (MODALIDADE DOAÇÃO).

VENDA PROIBIDA

Créditos

PROJETO E FOTOGRAFIA / *PROJECT AND PHOTO* / PROYECTO Y FOTOGRAFIA

Zé Paiva

PREFÁCIO / *PREFACE* / PREFACIO

Xavier Bartaburu

TEXTOS / *TEXTS* / TEXTOS

Talita Laura Góes

Fábio Brüggemann

Lenir Alda do Rosário

Mauro Manoel da Costa

COORDENAÇÃO EDITORIAL / *EDITORIAL COORDINATION* / COORDINACIÓN EDITORIAL

Zé Paiva

PROJETO GRÁFICO / *GRAPHIC DESIGN* / DISEÑO GRÁFICO

Oscar Rivas Beasley

MAPA E ILUSTRAÇÕES / *MAP & ILLUSTRATION* / MAPA E ILUSTRACIONES

Maurício Paiva

ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA / *PHOTO ASSISTANCE* / ASISTENCIA DE FOTOGRAFIA

Mariana Colin Stelzner

GUIA DE CAMPO / *FIELD GUIDE* / GUIA DE CAMPO

Rodrigo Dalmolin

EDIÇÃO DE TEXTO E REVISÃO / *TEXT EDITION* / EDICIÓN DE TEXTO

Fábio Brüggemann

VERSÃO PARA O INGLÊS / *ENGLISH VERSION* / VERSIÓN INGLÉS

Samantha Hoffmann

VERSÃO PARA O ESPANHOL / *SPANISH VERSION* / VERSIÓN ESPAÑOL

Joaquín Correa

TRATAMENTO DIGITAL / *DIGITAL TREATMENT* / TRATAMIENTO DIGITAL

Vilma Silveira

Dedico este livro a todos os seres humanos e não humanos que habitam este planeta, em especial ao Rael, que acabou de chegar.

I dedicate this book to all human and non-human beings who inhabit this planet, especially to Rael, who has just arrived.

Dedico este libro a todos los seres humanos y no humanos que habitan este planeta, en especial a Rael, que acaba de llegar.

APOIO
CULTURAL



socioambiental
CONSULTORES ASSOCIADOS

LX DESIGN
HOTEL



HABITASUL
Urbanização integrada

APOIO
INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



LEI MUNICIPAL DE
INCENTIVO À CULTURA



FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS
FRANKLIN CASCAES



PREFEITURA DE
FLORIANÓPOLIS
TURISMO, CULTURA E ESPORTE

Todos os direitos reservados / All Rights Reserved / Todos los derechos reservados
Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem autorização expressa do autor / The total or partial reproduction of this book, by any means, is prohibited without the Author's express authorization / Prohibida la reproducción total o parcial de este libro, por cualquier medio, sin autorización expresa del autor

Bromélia, *Dyckia encholirioides*, no Morro das Aranhas.

Bromeliad, Dyckia encholirioides, on Morro das Aranhas (Spiders' Hill).

Bromelia, *Dyckia encholirioides*, en el Morro das Aranhas.

Sumário

UMA JORNADA FOTOGRÁFICA INSPIRADORA / 14

AN INSPIRING PHOTOGRAPHIC JOURNEY / UN VIAJE FOTOGRÁFICO INSPIRADOR

MAPA ILUSTRADO / 16

ILLUSTRATED MAP / MAPA ILUSTRADO

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO / 18

CONSERVATION UNITS / UNIDADES DE CONSERVACIÓN

A FOTOGRAFIA EM ESTADO DE ÁRVORE / 21

PHOTOGRAPHY IN A STATE OF TREE / LA FOTOGRAFÍA EN ESTADO DE ÁRBOL

TALVEZ UM GRITO DE ALERTA / 26

POSSIBLY A WAKE UP CALL / QUIZÁS UN GRITO DE ALARMA

ILHA DE SANTA CATARINA: JÓIA DO ATLÂNTICO SUL / 41

SOUTH ATLANTIC JEWEL / JOYA DEL ATLÂNTICO SUR

A FLORESTA ANCESTRAL / 79

ANCESTRAL FOREST / EL BOSQUE ANCESTRAL

VIAGEM PELA NATUREZA DA ILHA DE SANTA CATARINA / 100

JOURNEY THROUGH THE NATURE OF THE ISLAND / VIAJE POR LA NATURALEZA DE LA ISLA

ILHA DE NOSSA SENHORA DOS ATERROS / 123

ISLAND OF OUR LADY OF THE LANDFILLS / ISLA DE NUESTRA SEÑORA DE LOS TERRAPLENES

MAKING OF E AGRADECIMENTOS / 132

MAKING OF & ACKNOWLEDGEMENTS / MAKING OF Y AGRADECIMIENTOS

VERSÕES INGLÊS E ESPANHOL / 134

ENGLISH & SPANISH VERSIONS / VERSIONES INGLÉS Y ESPAÑOL

BIOGRAFIA DO AUTOR / 144

AUTHOR'S BIOGRAPHY / BIOGRAFIA DEL AUTOR

Uma Jornada Fotográfica Inspiradora

SOCIOAMBIENTAL CONSULTORES ASSOCIADOS

Dotado de notável competência e uma sensibilidade singular, o renomado fotógrafo Zé Paiva apresenta o resultado de seu projeto *Expedição Natureza da Ilha*, e nos conduz a uma emocionante exploração dos espaços preservados na Ilha de Santa Catarina, um eco dos ambientes que os primeiros habitantes, os índios Carijós, tiveram a oportunidade de vivenciar.

Os locais visitados nesta expedição representam uma amostra das Unidades de Conservação existentes na ilha, as quais abrangem uma boa parcela de seu território. Esses espaços desempenham um papel vital na proteção de ecossistemas de valor inestimável, um feito que merece reconhecimento e aplausos a todos aqueles que contribuíram para alcançar esta conquista.

A expedição leva a lugares que são verdadeiras ilhas dentro da própria Ilha, cuja importância ambiental evidencia os desafios inerentes ao planejamento, desafios esses comuns em nosso país. Este livro – ao nos proporcionar uma visão singular através da lente de Zé Paiva – convida a uma reflexão sobre a natureza da Ilha. E ao fazê-lo, inspira-nos a refletir sobre o desafio da construção de um desenvolvimento sustentável: como podemos conceber uma transição harmoniosa entre o ambiente construído e a natureza preservada?

Expedição Natureza da Ilha não é apenas um tributo visual à deslumbrante beleza da Ilha de Santa Catarina, mas também um chamado à conscientização ambiental e à preservação. Zé Paiva oferece uma rara oportunidade de contemplarmos o que está em jogo e de reavaliarmos nossas prioridades como sociedade.

Ao abraçar e apoiar com imensa satisfação esse projeto, a Socioambiental Consultores Associados reafirma o seu compromisso com o desenvolvimento sustentável e a conservação ambiental. Esta obra é um testemunho de nossa crença na convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, na busca de um legado que transcenda as gerações.



Vista aérea de restinga sobre cordão de dunas e lagoas intermitentes. Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.
Aerial view of a sandbank over a line of dunes and intermittent lagoons. Panoramic view of Dunas da Lagoa da Conceição (Dunes in Lagoa da Conceição).
Vista aérea de la restinga sobre el cordón de dunas y lagunas intermitentes. Parque Natural Municipal de las Dunas da Lagoa da Conceição.

Expedição Natureza da Ilha

DE SANTA CATARINA



As UNIDADES de CONSERVAÇÃO* da ILHA de SANTA CATARINA

1	Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca	Federal
2	APA do Entorno Costeiro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro	Estadual
3	Parque Estadual da Serra do Tabuleiro	Estadual
4	Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste	Municipal
5	Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri	Municipal
6	Refúgio de Vida Silvestre Municipal Morro do Lampião	Municipal
7	Reserva Extrativista do Pirajubaé	Federal
8	Parque Natural Municipal do Maciço da Costeira	Municipal
9	Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição	Municipal
10	Parque Natural Municipal do Morro da Cruz	Municipal
11	Parque Municipal do Manguezal do Itacorubi	Municipal
12	Monumento Natural Municipal da Galheta	Municipal
13	Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meieimbipe	Municipal
14	Parque Estadual do Rio Vermelho	Estadual
15	Estação Ecológica de Carijós	Federal
16	Parque Natural Municipal da Lagoa do Jacaré	Municipal

* Unidades de conservação públicas e integradas ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação no município de Florianópolis, Santa Catarina.

As Unidades de Conservação (UCs) da Ilha de Santa Catarina



1. Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca

Criada em 2000, esta UC protege uma área de 1548 km² de ecossistemas marinhos, manguezais, restinga e de floresta ombrófila densa em nove municípios. O principal objetivo da UC é proteger a área onde a baleia franca austral utiliza para acasalamento e procriação.



2. APA do Entorno Costeiro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

Criada em 2009, essa UC tem uma área de 52,6 km² e protege ecossistemas de floresta ombrófila densa e restinga, e engloba a Praia de Naufragados, sua comunidade tradicional, sítios arqueológicos e históricos.



3. Parque Estadual da Serra do Tabuleiro

A porção insular do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro está presente no sul da Ilha de Santa Catarina. Há ainda a APA do Entorno Costeiro, que foi criada em 2009, mudando os limites do Parque. A Praia de Naufragados é o principal ponto de referência. Há uma conexão do Parque com o Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri através dos topos dos morros e encostas do sul da Ilha. As poucas barreiras se encontram no Sertão do Peri, porém, é uma área de pouco trânsito e baixa população, não afetando tanto a movimentação da fauna entre as UCs. O Parque foi criado em 1975 e tem uma área total de 841,3 km², sendo que apenas 3,42 km² ficam na Ilha de Santa Catarina. A área contém ecossistemas de floresta ombrófila densa submontana nas áreas de morros.



4. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste

Criado em 1992, tem 9,2 km², e não existem vias para carros nessa região. Todo o acesso às áreas de visitação é feito por trilhas, preservando a vegetação e diminuindo os impactos antrópicos. Esta UC protege ecossistemas de floresta ombrófila densa submontana, vegetação pioneira (restinga e marismas), ambiente lagunar, dunas e vegetação em costão rochoso. Suas maiores atrações são a praia, considerada por muitos a mais bela da ilha, a lagoinha que dá o nome ao parque e as formações rochosas do Morro da Coroa.



5. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri

A Lagoa do Peri é o maior corpo lacustre de água potável na Ilha de Santa Catarina, abastecendo com sua água a população do Sul e do Leste da Ilha desde 1996. É a mais antiga UC de Florianópolis, e foi criada em 1981 como Parque Municipal. Em 2019, passou por um processo de recategorização quando transformou-se em monumento natural. Tem uma área de 42,71km² e protege ecossistemas de floresta ombrófila densa submontana, ambiente lagunar, restinga e dunas. Tem trilhas demarcadas e uma sede.



6. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Morro do Lampião

Localizada na planície entremares, na porção leste da Ilha de Santa Catarina, foi criada em 2021 e tem uma área de 1,11 km². Trata-se de um morro isolado sobre a planície costeira, importante corredor ecológico entre o maciço central da Ilha de Santa Catarina e os ambientes de restinga. A vegetação é característica de ombrófila densa submontana, com alterações visíveis com exóticas nas altitudes mais baixas, em especial bambuzais, Pinus sp e eucaliptos. As bordas da UC estão alteradas pela sua condição urbana, mas ainda há áreas que possibilitam conectividade, em especial para aves com voos curtos.



7. Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé

A primeira reserva extrativista marinha do Brasil foi criada em 1992 e tem 17,12 km². Seus objetivos são garantir e incentivar o uso sustentável do recurso pesqueiro do manguezal do Rio Tavares e entorno, proteger a biodiversidade e o ambiente (berçário da vida marinha), salvaguardar a cultura e as artes de pesca próprias da região e preservar a paisagem natural da Baía Sul. As principais atividades econômicas são o extrativismo do berbigão e a pesca artesanal. O seu entorno sofre uma urbanização constante com a construção da Via Expressa Sul e ampliação do Aeroporto Hercílio Luz nos últimos anos.



8. Parque Natural Municipal do Maciço da Costeira

O Maciço da Costeira abrange uma das áreas elevadas da Ilha de Santa Catarina, com relevo montanhoso, onde se encontram as nascentes dos mananciais que formam as bacias do rio Itacorubi e do rio Tavares, e também as nascentes que descem para a bacia da Lagoa da Conceição. A Unidade de Conservação hoje é cercada por bairros densamente urbanizados, como a Costeira do Pirajubaé, Pantanal, Rio Tavares, Lagoa e o Córrego Grande. Foi criado em 1995 e tem uma área de 15,48 km², que protegem ecossistemas de floresta ombrófila densa em diversos estágios de regeneração. Toda a área da UC está em ambiente de encosta e topo de morro sobre o maciço cristalino. Veículos 4x4 e motos (ambos ilegais), bem como as atividades com bikes (em trilhas sem estudos prévios – e sem ter plano de manejo), tem impactado a UC.



9. Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição

Criado em 1988, tem 7,06 km² e concentra um dos ambientes mais frágeis da Ilha de Santa Catarina, a restinga. Também protege ambientes costeiros, lagunares e dunas. Embora tenha sido concluído recentemente o corte das espécies invasoras de Pinus sp., sempre há novos pinheiros nascendo a partir do transporte aéreo de sementes de árvores de fora da Unidade de Conservação. Outro problema do Parque é o avanço da urbanização na região da Lagoa, de forma que a última modificação nos limites, em 2018, procurou excluir zonas urbanas consolidadas e proteger as áreas remanescentes, aumentando também a área da unidade, que foi estendida para a porção sudeste da Ilha de Santa Catarina. Outro problema tem sido o lançamento de efluentes de uma estação de tratamento de esgoto.



10. Parque Natural Municipal do Morro da Cruz

Esta UC foi criada em 2005 e tem 1,29km². Compreende o topo e encostas adjacentes do Maciço do Morro da Cruz, uma elevação rochosa cristalina e está cercada pela ocupação urbana. A área protege ecossistemas de floresta ombrófila densa submontana em diversos estágios, com característica de floresta urbana. Algumas áreas necessitam recuperação. O parque é procurado por escolas para educação ambiental, em função da proximidade com bairros centrais de Florianópolis, e do acesso facilitado, além da boa estrutura da sede.



11. Parque Natural Municipal do Manguezal do Itacorubi – Fritz Müller

O Manguezal do Itacorubi, onde se situa essa UC, está localizado na Bacia Hidrográfica do Itacorubi, cercado por uma área urbana, região central de Florianópolis, sem conexão direta com outras áreas protegidas nos morros e maciços. As bordas do parque estão bem alteradas pela sua condição urbana, desde o início do século XX, contudo o ecossistema de manguezal é resiliente, apresentando melhoras nas duas últimas décadas, em especial após a ligação para tratamento de esgoto da capital catarinense. Foi criado em 2002 e tem 1,93 km².



12. Monumento Natural Municipal da Galheta

Esta UC existe desde 1990, mas começou como Parque Municipal, e passou por um processo de recategorização em 2016. Junto com a nomenclatura houve redefinição dos limites, aumentando a área para 2,49 km². Na Galheta acontece a tradicional pesca da tainha e, até 2016, era uma praia naturista (com nudismo não obrigatório). Abriga ecossistemas de floresta ombrófila densa submontana, em diversos estágios de regeneração, dunas, restinga e costão rochoso.



13. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meiembiipe

Esta é a maior Unidade de Conservação do município de Florianópolis. Criada em 2021, ocupa todos os morros das porções central e norte da Ilha de Santa Catarina e tem uma área total de 59,72 km² e está dividida em 9 glebas. Trata-se de uma UC fundamental para a conectividade do corredor ecológico que liga as florestas presentes nas morrarias da porção centro e norte da Ilha de Santa Catarina. As águas que nascem e correm nas áreas protegidas por esta UC são fundamentais para praticamente todas as bacias da porção centro, norte e até mesmo de parte do sul da Ilha. A vegetação é característica de ombrófila densa submontana, montana, matas ciliares em planície fluvial e ambientes lagunares costeiros.



14. Parque Estadual do Rio Vermelho

Esta UC tem um histórico como horto florestal nas décadas de 60 e 70, quando a área servia para experimentos de plantio de espécies exóticas (essencialmente do gênero Pinus sp.). Hoje, a Unidade de Conservação busca eliminar os pinus e eucaliptos dos seus ecossistemas, embora estes ainda ocupem cerca de 35% da área, de acordo com o IMA/SC. Parte da área da UC foi recentemente declarada Território Quilombola, Comunidade Vidal Martins. A UC foi criada em 2007 e tem uma área de 15,32 km². Ela protege ecossistemas de floresta ombrófila densa e restingas em diversos graus de regeneração na planície costeira. Nesta UC está a maior praia da ilha, a do Moçambique.



15. Estação Ecológica de Carijós

A UC se encontra dividida em dois territórios que têm conexão apenas pelo mar. A maior parte se encontra na foz do rio Ratonés, próxima das localidades de Jurerê e Daniela. A outra parte, menor, se encontra no manguezal do Saco Grande (um pouco mais ao sul). Ambas não têm conexão aparente com outras áreas protegidas e sofrem pressão frente à urbanização das áreas próximas. Foi criada em 1987 e tem uma área de 8,81 km² que protegem ecossistemas de manguezal, apicum, banhados, mata ciliar, restinga aberta e restinga arbórea.



16. Parque Natural Municipal Lagoa do Jacaré das Dunas do Santinho

O Parque foi criado em 2016, tem uma área de 2,21 km², e apresenta uma importante transição entre a vegetação de encosta, costão (Morro dos Ingleses) e a restinga. Engloba também o segundo maior campo de dunas na Ilha de Santa Catarina. A UC apresenta o ecossistema lagunar da Lagoa do Jacaré, em meio ao campo de dunas, que concentra diversas espécies, com destaque para a avifauna. As aves marinhas migratórias são também as maiores visitantes da UC.



Praia da Rita Maria com Continente ao fundo. Photo Conrado Goeldner, c. 1890. Acervo Gilberto Gerlach.

Rita Maria beach showing the mainland on the background. Picture by Conrado Goeldner, c. 1890. Gilberto Gerlach collection.

Praia da Rita Maria con el Continente de fondo. Foto de Conrado Goeldner, c. 1890. Archivo Gilberto Gerlach.

PREFÁCIO

A Fotografia em Estado de Árvore

XAVIER BARTABURU

Quando Zé Paiva se mudou para Florianópolis, em 1985, a Ilha de Santa Catarina era uma ilha de ilhas. Um arquipélago de remanescentes florestais exilados no alto dos morros, sobreviventes da voracidade agrícola que havia devastado o lugar nos séculos anteriores. Era também uma ilha desprotegida: havia só uma Unidade de Conservação, e totalmente inserida nela o então chamado Parque Municipal da Lagoa do Peri, criado em 1981, além de um pequeno trecho do Parque Estadual da Serra da Tabuleiro (menos de 0,5% dele).

Mas era também uma dessas cidades que desafiam o próprio conceito de cidade: um mar de morros cercado por outro mar, de água, ambos servindo de barreira à expansão ao mesmo tempo em que abraçavam seus habitantes, lembrando-lhes que, antes do homem, vem a paisagem. E a paisagem, aqui, se impõe como em poucas metrópoles do país. Ainda mais na ocasião da chegada de Zé Paiva, quando Florianópolis não contava nem a metade das 500 mil pessoas que hoje se espalham pela ilha.

Zé vinha de um lugar muito maior, Porto Alegre, cidade natal, mas trazendo consigo a lembrança das férias que passava na chácara do avô, em Bagé, extremo sul do Brasil. Uma infância inteira mergulhada no ermo dos Pampas, sobretudo nos dias em que montava seu cavalo petiço com um livro debaixo do braço e se lançava à planície em busca de uma árvore na qual pudesse subir e, então, pousado nos galhos, se entregasse à leitura dos romances de aventura de Karl May. Queria sentir-se integrado à natureza para melhor poder usufruir daquelas histórias de lugares distantes, porém estranhamente familiares.

Era já um presságio da longa viagem de quase um ano que Zé faria ao redor da Europa e do norte da África, capturando com seu olhar – e, pela primeira vez, sua câmera — lugares como Marrocos, Egito, Grécia, Espanha e Escócia. Não era fotógrafo ainda, e sim engenheiro recém-formado, mas passou a sê-lo quando descobriu que queria para sempre desvendar o mundo por meio das lentes. Foi a promessa de um trabalho como repórter fotográfico que o levou a morar em Florianópolis, mas que, no fim, acabou derivando para uma carreira como fotógrafo publicitário – não, contudo, sem abrir mão de longas incursões na natureza da Ilha de Santa Catarina nos finais de semana, onde foi lentamente firmando um pacto silencioso entre a imagem e a paisagem.

De lá para cá, como no habitual embate de marés que configura a essência dos estuários, num eterno cabo-de-guerra entre a água doce e a salgada, a carreira como fotógrafo de natureza foi tomando corpo até engolir por completo a de publicitário. Também Florianópolis viveu esse vaivém, embora de modo menos decisivo: a cidade crescia quase na mesma proporção em que a mata ia se regenerando onde antes eram roças. E, com ela, novas áreas protegidas: são hoje 16, entre federais, estaduais, municipais, que juntas ocupam 27% da Ilha de Santa Catarina.

Este quase um terço de matas, morros e mares foi o objeto de contemplação de Zé para este livro. Anos de expedições a pé, de carro ou de canoa em busca dos ângulos que melhor expressassem a beleza natural da ilha. Da mais antiga Unidade de Conservação, o hoje chamado Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri, à mais recente (e também a maior), o Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe, importante corredor de biodiversidade que conecta os maciços do centro-norte.

Zé é um entusiasta dos silêncios: prefere os vazios de gente, onde o único som que se impõe é o da paisagem. Por isso a busca obstinada por aqueles lugares da Ilha onde o humano inexistiu ou raramente se vê. Onde bichos podem trocar olhares com o fotógrafo como se estivessem vendo gente pela primeira vez (e talvez estejam mesmo). Sim, esses lugares existem na Ilha de Santa Catarina, ainda que requeiram longos percursos por terra ou água — o que de modo algum intimidou Zé; pelo contrário, era o que lhe movia.

Entre esses silêncios inclui-se o da mente, pois é nos espaços em que ela repousa que habita o olhar. Respirar a foto antes de clicar é a premissa fundamental de todo bom fotógrafo, e isso é ainda mais verdadeiro quando diante de uma paisagem esculpida ao longo de milênios. Para honrá-la como se deve, há que se reverenciar o tempo. E isso Zé Paiva faz com maestria.

Edward Weston, fotógrafo estadunidense que é um dos favoritos de Zé, disse certa vez que consultar as regras da composição antes de tirar uma foto é como consultar as leis da gravidade antes de sair para uma caminhada. Talvez seja por isso que Zé goste tanto de usar o tripé em suas imagens: diz ele que, para entender qual é a foto que quer compor, precisa antes se fundir à paisagem. Enraizar-se, fincando o tripé no chão para que seja ele também uma extensão da natureza; a fotografia em estado de árvore.

É a melhor maneira de capturar essa dimensão invisível de toda imagem, a do tempo. Como um maestro que rege uma orquestra de brisas, folhas e correntezas, Zé esculpe o instante único que fará a paisagem se propagar futuro adentro enquanto imagem, para sempre impressa nas páginas a seguir. Senhor do tempo, elo do que foi e do que será, Zé Paiva sabe bem que, neste mundo regido pela impermanência, talvez seja a fotografia aquilo que mais a desafia. Daí a importância de se congelar, em píxeis, este valioso patrimônio natural, cada vez mais ameaçado por uma cidade que só cresce e por um clima que só muda. Porque preservá-lo não basta. É preciso perpetuá-lo.



Nos anos 70, ainda criança, vim pela primeira vez a Florianópolis. Ficamos no Hotel Royal, no centro da cidade que passava por grandes transformações. O mar, que antes lambia as calçadas do Mercado Público, agora estava afastado por um enorme e desértico aterro.

Em 1985, escolhi a Ilha de Santa Catarina para viver. Nela eu fiz minha casa, tive dois filhos e construí uma carreira como fotógrafo. Adotei a Ilha como meu lar, lancei raízes e, aos poucos, descobri sua natureza, e ela foi se fazendo mais presente em minha vida. Fui morar no meio do mato. Comecei a fotografar a natureza como uma missão. O primeiro livro onde publiquei minhas fotografias, em 1997, junto com outros doze fotógrafos, chama-se Santa Catarina, a Ilha. Vinte e sete anos depois, volto ao tema, dessa vez com um livro voltado exclusivamente à natureza.

Foram 220 quilômetros caminhando por trilhas com pesadas mochilas, 60 quilômetros remando uma canoa canadense e mais de 1.800 quilômetros de carro, para respirar todos os recantos da ilha. Entrei em florestas, atravessei dunas, restingas e lagoas, cruzei manguezais e costões.

Para ter uma visão de pássaro, fiz 43 trilhas aéreas usando um drone, num total de 121 quilômetros. A visão da Ilha do alto é impressionante. Um misto de adrenalina com maravilhamento. Ver a paisagem de uma ângulo inusual nos dá uma ideia da grandiosidade da natureza e ao mesmo tempo do impacto que causamos. Foram 11.750 fotografias feitas durante 7 meses de trabalho de campo para chegar nas cento e poucas que compõem este livro.

APRESENTAÇÃO

Talvez um grito de alerta

ZÉ PAIVA



Porto do Desterro na região da Rita Maria para o Menino Deus. Início do Cais da Rita Maria, c. 1890. Acervo Sara Regina Poyares dos Reis. Autor desconhecido.

Desterro Harbour, in the vicinities of Rita Maria towards Menino Deus. The start of Rita Maria Wharf, c. 1890. Sara Regina Poyares dos Reis collection. Unknown author.

Puerto de Desterro en la región de Rita Maria para o Menino Deus. Comienzo del Muelle de Rita Maria, c. 1890. Archivo Sara Regina Poyares dos Reis. Autor desconocido.

A natureza te surpreende se você tiver olhos para enxergar as sutilezas que nos espreitam. Para alguns, a floresta pode ser uma imensa massa verde homogênea. Para outros, é uma profusão de tons de verde, de texturas de troncos, de jardins de epífitas penduradas nos galhos, de bichos escondidos.

Subi e desci morros para encontrar canelas seculares, uma figueira de duas pernas, um jardim de orquídeas. Percorri o Rio Carambina pelo seu leito desde o Sertão do Ribeirão, passando por incontáveis quedas d’água, até chegar à Cachoeira da Gurita. Na Costa da Lagoa, encontrei dois bandos de macacos-prego, nossos parentes distantes. Na Tapera, persegui o belo surucuá-de-barriga-vermelha, até ele conceder-me um retrato. Fotografei brunidores de milhares de anos na chuva fina do costão dos Ingleses. Inscrições rupestres revelaram mensagens indecifráveis. Desejariam comunicar algo ou estavam fazendo arte?

No manguezal do Itacorubi, chorei por dentro ao ver tanto lixo invadindo o espaço dos caranguejos e das garças. Um canal de águas fétidas repleto de jacarés-do-papo-amarelo me envergonhou de ser humano. As pessoas procuram a natureza pelas mais diversas razões. Algumas para contemplar, outras para caminhar, outras para um encontro sexual. A natureza é generosa e acolhe, mas nem todos cuidam da nossa grande mãe.

No meu primeiro livro autoral, *Expedição Natureza Santa Catarina*, de 2005, escrevi: “Alguém disse que os fotógrafos são os olhos da sociedade, mas parece que, mesmo com tantos fotógrafos, a sociedade continua enxergando mal. Estamos a beira de um precipício histórico e avançamos cada vez mais rápido em direção a ele”. Infelizmente esse texto continua atual. Continuamos poluindo cada vez mais, queimando mais e mais combustíveis fósseis, jogando cada vez mais plásticos nos oceanos, e por aí segue a lista.

Depois eu publiquei *Expedição Natureza Gaúcha*, em 2008, e *Expedição Natureza Tocantins*, em 2012. Este, portanto, é o quarto livro da série Expedição Natureza. Desde o começo minha intenção era, ingênua talvez, dar uma pequena colaboração para aumentar a consciência sobre os problemas ambientais graves que vivemos. Espero que esse livro ajude a sacudir as velhas ideias. A pandemia mostrou por um breve espaço de tempo que isso é possível. As pessoas deixaram os carros em casa, a poluição diminuiu, os animais invadiram as cidades, a natureza respirou aliviada por alguns instantes.

Este livro poderia ser uma homenagem à ilha que me acolheu. Poderia ser um manifesto sobre a forma como ocupamos os espaços, destruindo a natureza. Poderia também ser um poema sobre a delicadeza da natureza essencial à vida, que permeia todo o planeta. Talvez seja tudo isso ao mesmo ou talvez seja apenas um grito de alerta.

“Esperamos sempre que nossas contribuições sejam gigantescas demais porque nos acostumamos com essa escala planetária. Mas ela não é real: as coisas grandes são formadas por partículas minúsculas. Cada pequena coisa que conseguimos fazer no sentido desse agir com cuidado e transformar nossas pequenas ações cotidianas tem sua relevância [...] A esperança é que possamos (re)descobrir juntos dimensões da vida que ficaram soterradas nesse conceito torto de progresso: a reconexão com a terra, a existência dos ciclos, a convivência com seres não-humanos, o valor do cuidado, a potência do não agir.”

Isabelle Stengers

Do livro *No tempo das catástrofes*



Foz do Rio Carambina. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Mouth of the river Carambina. Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Desembocadura del Río Carambina. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



Engenho de farinha do final do século XIX na
Costa da Lagoa.

*Flour mill, from the late nineteenth century, in
Costa da Lagoa.*

Ingenio de harina de finales del siglo XIX en la
Costa da Lagoa.

Piscina natural da Ponta do Gravatá.
Natural pool in Ponta do Gravatá.
Piscina natural de la Ponta do Gravatá.



↓ Trilha para a praia de Naufragados. Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

Access trail to Naufragados beach. Serra do Tabuleiro State Park.

Sendero para la playa de Naufragados. Parque Provincial de la Serra do Tabuleiro.



↓ Pescadores artesanais na Ponta do Gravatá fazem o cerco de tainhas com rede usando canoa de garapuvu.

Traditional fishermen at Ponta do Gravatá use purse seine for mullet fishing, with garapuvu wood canoe.

Pescadores artesanales en la Ponta do Gravatá realizan el cerco de lisas [tainhas] con red, usando canoa de guapuruvú.





↓ Aurora na Prainha da Barra da Lagoa.

Dawn at Prainha da Barra da Lagoa.

Aurora en la Prainha de la Barra da Lagoa.



← Árvore Guarajuba, *Terminalia kleinii*.
Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

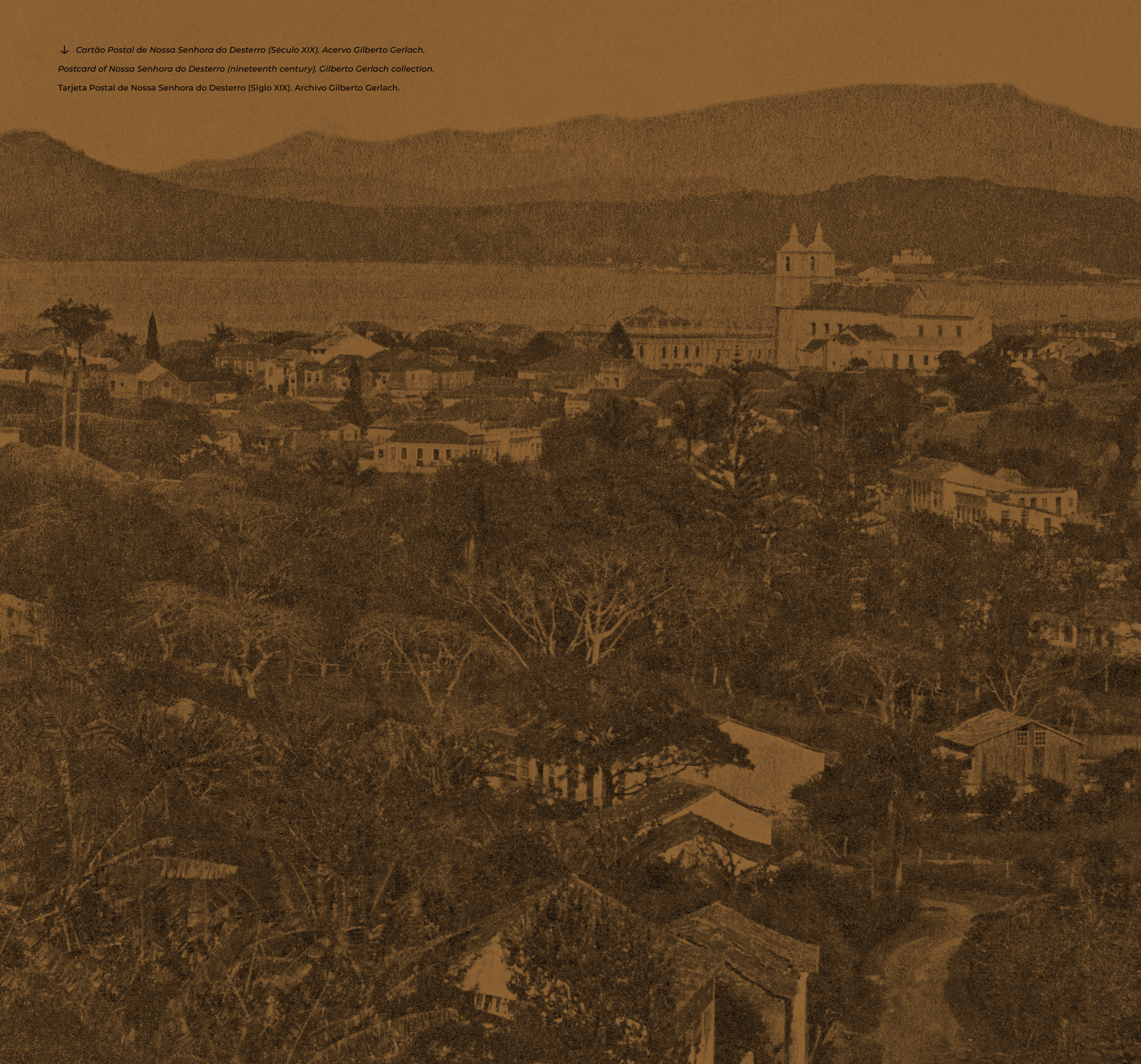
Guarajuba tree, Terminalia kleinii.
Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Árbol Guarajuba, *Terminalia kleinii*.
Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

↓ *Cartão Postal de Nossa Senhora do Desterro (Século XIX). Acervo Gilberto Gerlach.*

Postcard of Nossa Senhora do Desterro (nineteenth century). Gilberto Gerlach collection.

Tarjeta Postal de Nossa Senhora do Desterro (Siglo XIX). Archivo Gilberto Gerlach.



A PAISAGEM

Ilha de Santa Catarina: joia do Atlântico Sul

MAURO MANOEL DA COSTA

“Ela está sofrendo de um determinado mal, ela está embruxada. É o que acontece com essa Ilha. Foi toda loteada. Está toda destruída. Nós vamos ainda, penso, ter muitas decepções. O homem está se destruindo, ele pensa que é o senhor absoluto da Terra, não é. Sobre ele está a natureza comandando, ele é exclusivamente um produto da natureza como as árvores e outros animais, o homem está procurando se destruir de um modo tal que ele não vai entender.”

Franklin Cascaes

A Terra está viva, em movimento e se transformando. Placas continentais rochosas se movem flutuando sobre o manto líquido do magma, banhadas por oceanos profundos. Paisagens são forjadas das forças dos elementos, no jogo entre terra, fogo, água e ar. Montanhas, cordilheiras e planícies, lagos e lagoas, rios, ilhas, mares e oceanos, geleiras e desertos.

A vida se habilitou a habitar a Terra. Na paciência da temporalidade vai criando e tramando os processos de habitabilidade, e os diversos ambientes e paisagens são esculpidos por grandes mutirões de corpos, entes e seres, com diversas habilidades e forças. Nestas conformações geomorfológicas, as florestas cobriram vastas regiões da Terra há centenas de milhões de anos. A vida ousou e cobriu o ambiente terrestre com um complexo manto verde, resultando no surgimento das florestas, como a nossa Mata Atlântica, majestosa, verdejante e diversificada, conhecida pelos povos indígenas por *caá-etê*, a mata verdadeira.

Esse devaneio genérico de certa forma são pressupostos ontológicos, mas é preciso aterrar, fazer um recorte nesta imensa rede sem bordas que é o mundo em que habitamos. E habitar, neste sentido, é se fazer ao caminhar e se relacionar no mundo. Assim, aterramos, ajustando o foco da lente, abordando processos históricos ocorridos na Ilha de Santa Catarina.

A arqueologia do litoral catarinense indica os sambaquianos, construtores dos sambaquis, como os primeiros habitantes locais, há milhares de anos. Ao realizarem seu modo de vida, modificaram de modo significativo a topografia do território. Bem posteriormente, chegam os Itararés, primeiros a deixarem registros de cerâmica, ainda que incipiente, porém um marco importante no manejo dos elementos. Mas foi o povo Guarani, com suas comunidades e roças, que os navegadores europeus encontraram habitando o litoral catarinense. Essas culturas deixaram uma grande riqueza arqueológica, como os sambaquis, as oficinas líticas, a arte rupestre, que enriquecem significativamente a paisagem como patrimônios imateriais ainda presentes no amálgama de influências que é a cultura local. Nos sítios arqueológicos, podemos facilmente nos transportar por devaneios acerca da vida nestes tempos, no caso dos registros rupestres, e nos conduzem a ritos realizados diante do sol e da lua nascentes.

A geografia privilegiada de suas baías e portos naturais, aliada à riqueza de víveres, fizeram dela um lugar de parada obrigatória para navegadores como Juan Dias de Solís, Aleixo Garcia, Sebastião Caboto, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, cada qual com sua epopeia. Foi Caboto que, em 1526, há quase 500 anos, nomeou a Ilha de Santa Catarina.

Em 1673, o vicentista Dias Velho, colocou em prática seu projeto de povoação da Ilha de Santa Catarina, marco histórico que deu origem à cidade. Em 1726, Desterro se torna Vila, e, em 1739, o brigadeiro português Silva Paes assume o comando político e militar da província, recebendo a incumbência de edificar fortificações e colonizar a região. Entre 1748 e 1756, chegaram quase cinco mil colonos açorianos e madeirenses à Ilha, onde já havia uma vila consolidada com presença indígena, espanhola, africana e, sobretudo, portuguesa.

Em 1863, Desterro tornou-se capital da província de Santa Catarina, caracterizando o século XIX como o período áureo do desenvolvimento agrícola na Ilha, com repercussão até meados do século XX, como podemos observar nos belos relatos romanceados escritos por Virgílio Várzea. Comunidades, freguesias e arraiais espalharam-se por trás dos morros, com seus habitantes vivendo entre a praia, o campo, a roça e a mata. Enquanto centenas de engenhos de cana e farinha não paravam de moer e fonear, os carros-de-boi cantavam pelos caminhos entre as roças, galinhas ciscavam entre os cafezeiros, e perobas, cedros, óleos e canelas tombavam no fundo das matas.

O mundo se movimenta e vai se modernizando. Em meados do século XX, a prática agrícola na Ilha entrou em decadência, os engenhos que ainda produziam farinha de mandioca e cachaça foram desativados, e o modo de vida simples e bucólico, tão bem retratado nos traços de Domingos Fossari, perdem a tonalidade. O que destaca a relevância do Sertão do Ribeirão, zona cultural do Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri, onde podemos retratar uma paisagem que nos remete aos aromas da vida rural que vive na fronteira da floresta.

A urbanização de Florianópolis, sobretudo suas últimas décadas, capitaneada pelas loucas ambições do velho e astuto Fausto, mudou velozmente a vida por aqui. A porção central do município se verticalizou cada vez mais, constituindo um profundo labirinto. Freguesias e arraiais tornaram-se bairros urbanizados, e os processos de verticalização projetam suas sombras para todo o território, ao mesmo tempo em que milhares buscam Florianópolis para “turistarem”. Por isto a relevância das áreas protegidas para o planejamento ambiental, compreendendo seus planos de manejo como instrumentos de ecologia política.

Trazemos essa breve história ambiental para sustentar que percorrer o território da Ilha, as trilhas e caminhos traçados nas diversas paisagens, é uma experiência estética mágica e singular. Não importa a direção para onde projetamos nosso olhar, nossos sentidos, estaremos imersos e interagindo com seres e entes que mobilizam cenários de cores, formas, sons, texturas, odores e sabores em movimento.

Nesses tempos transitórios e de encruzilhadas do Antropoceno, que ameaça desabar os céus, todo esforço para trazer luz e cores, narrar através do olhar as belezas da vida e do mundo, é uma contribuição para o engrandecimento da alma, e assim da própria vida.

A Ilha está viva, tem alma e é resiliente, visto sua musculatura ambiental, suas forças cósmicas e históricas. E nesta malha de caminhos, enfeitados pela vida e suas histórias, o olhar manso e ultrassensível de Zé Paiva retrata nosso mundo ilhéu, compartilhando o encontro de seu olhar com o mundo, através das pontes de luz dos seus olhos/lentes que revelam imagens de rara beleza.



↑ Cachoeira da Gurita no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Gurita waterfall in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Cascada de la Gurita en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



→ Pedra do Urubu no Monte Verde.
Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.
Pedra do Urubu (Stone of the Vulture) in Monte Verde.
Meimbipe Municipal Wildlife Refuge.
Pedra do Urubu en Monte Verde.
Refugio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.





← → Lagoas nas dunas dos Ingleses.

Lagoon formations in Ingleses sand dunes

Lagunas en las dunas de Ingleses.



↑ Pontal da Lagoa do Peri. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Pontal da Lagoa do Peri. Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Pontal de la Lagoa do Peri. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

← Vista aérea de restinga sobre cordão de dunas e lagoas intermitentes no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.
Aerial view of a sandbank over a line of dunes and intermittent lagoons. Panoramic view of Dunes da Lagoa da Conceição (Dunes in Lagoa da Conceição).
Vista aérea de la restinga sobre el cordón de dunas y lagunas intermitentes en el Parque Natural Municipal de las Dunas da Lagoa da Conceição.



← No alto, à esquerda, a Ponta do Frade. No alto, à direita, a Ponta do Gravatá. Embaixo, à esquerda, a Ponta do Meio, e à direita a Barra da Lagoa.
At the top, to the left, Ponta do Frade. At the top, to the right, Ponta do Gravatá. Below, to the left, Ponta do Meio, and to the right Barra da Lagoa.
En lo alto, a la izquierda, la Ponta do Frade. En lo alto, a la derecha, la Ponta do Gravatá. Abajo, a la izquierda, la Ponta do Meio, y a la derecha la Barra da Lagoa.



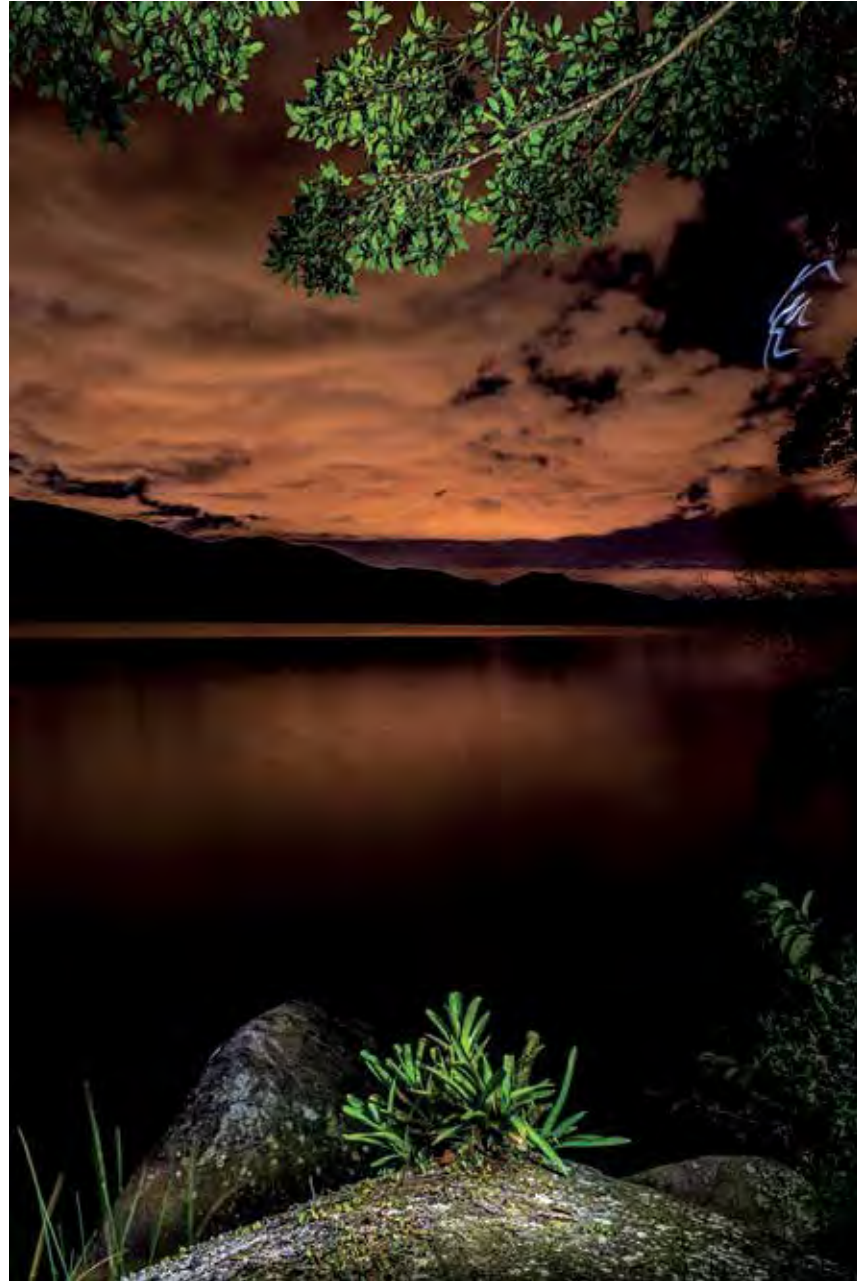
↑ Baixios da Lagoa da Conceição (também conhecidos como ilhotas). Parque Estadual do Rio Vermelho.
Shallows in Lagoa da Conceição (also known as islets). Rio Vermelho State Park.
Bancos de arena de la Lagoa da Conceição (también conocidos como islotes). Parque Provincial de Río Vermelho.



← Sempre-viva-de-mil-flores, *Actinocephalus polyanthus*.
Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.
Sempre-viva-de-mil-flores, Actinocephalus polyanthus.
Natural Municipal Park of Sand Dunes in Lagoa da Conceição.
Siempreviva de mil flores, *Actinocephalus polyanthus*.
Parque Natural Municipal de las Dunas da Lagoa da Conceição.



← Dunas dos Ingleses.
Ingleses Sand Dunes.
Dunas de los Ingleses.



↑ Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

→ Figueira-da-folha-miúda, *Ficus cestrifoli*. Parque Municipal da Ponta do Sambaqui.

Figueira-da-folha-miúda, Ficus cestrifolia, Ponta do Sambaqui Municipal Park.

Higuerón, *Ficus cestrifoli*. Parque Municipal de la Ponta do Sambaqui.





← Costão rochoso em ignimbrito, entre as praias do Janguinha e Chico Quinca, no leste da Ilha.

Rocky coast formation in ignimbrites, between the beaches of Janguinha and Chico Quinca, to the eastern side of the island.

Costa rocosa en ignimbrita, entre las playas de Janguinha y Chico Quinca, en el este de la Isla.

↑ Dunas da Lagoa da Conceição.

Sand Dunes in Lagoa da Conceição.

Dunas da Lagoa da Conceição.





← ← Piscina Natural no Brigalhou.
Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

*Natural pool in Brigalhou.
Serra do Tabuleiro State Park.*

Piscina Natural en el Brigalhou.
Parque Provincial de la Serra del Tabuleiro.



← → Pedra do Oratório e floresta ciliar.
Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

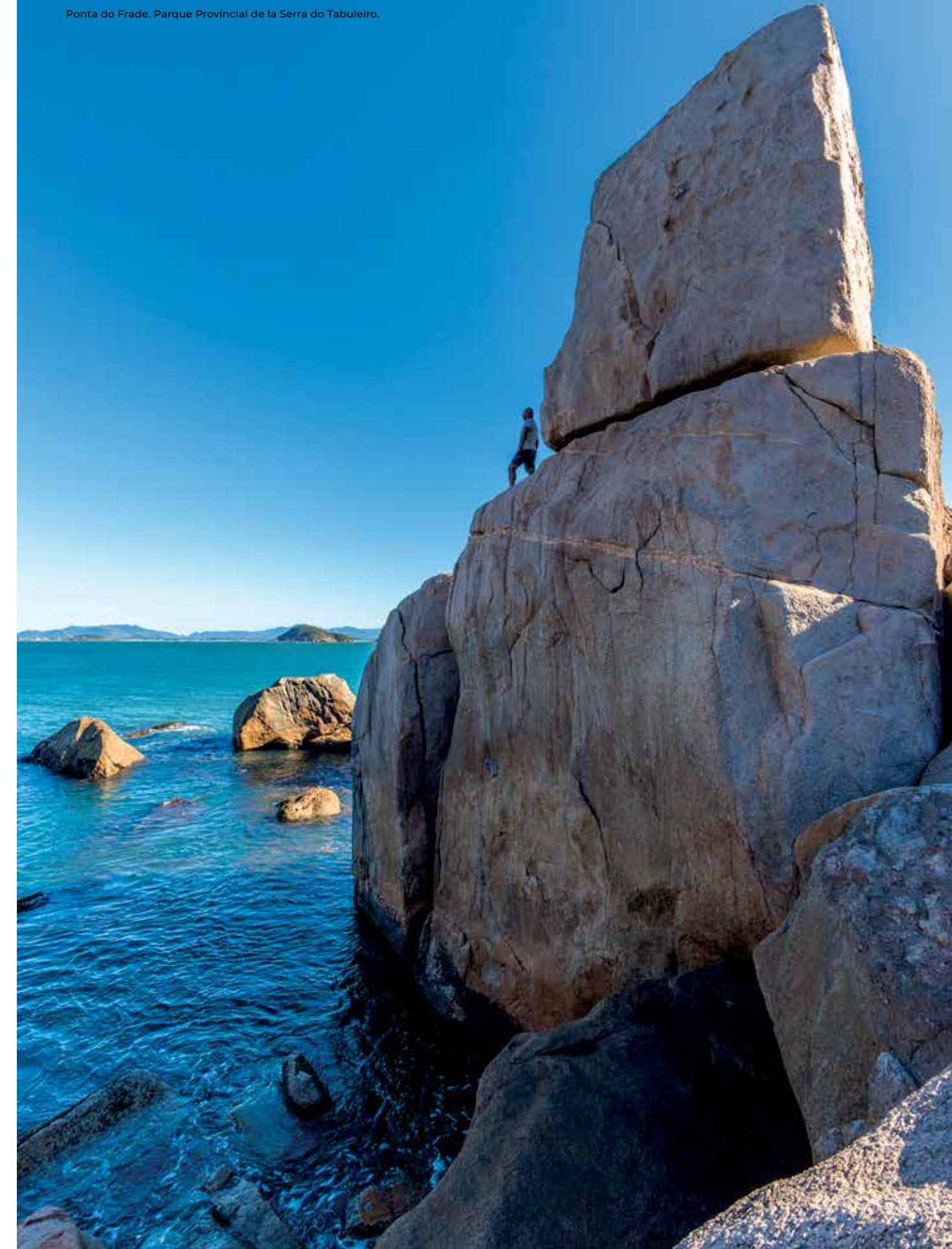
*Oratory Stone and Ciliary Forest.
Lagoa do Peri natural municipal Landmark.*

Pedra do Oratório y bosque de ribera.
Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

↓ Gruta das feiticeiras. / Sorceresses' Grotto. / Gruta de las Hechiceras.



↓ Ponta do Frade, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.
Ponta do Frade, Serra do Tabuleiro State Park.
Ponta do Frade, Parque Provincial de la Serra do Tabuleiro.





← Foto aérea da Lagoinha do Leste. / Aerial view of Lagoinha do Leste. / Foto aérea de la Lagoinha do Leste.



↑ ↓ Acima, foto aérea do paredão de pedra da Ponta Grossa e, abaixo, do Morro do Pão de Açúcar. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.
Above, aerial photograph of the stone of Ponta Grossa and, below, the Sugar Loaf Mountain. Panoramic view of Lagoinha do Leste.
Arriba, foto aérea del paredón de piedra de Ponta Grossa y, abajo, del Morro do Pão de Açúcar. Parque Natural Municipal de la Lagoinha do Leste.

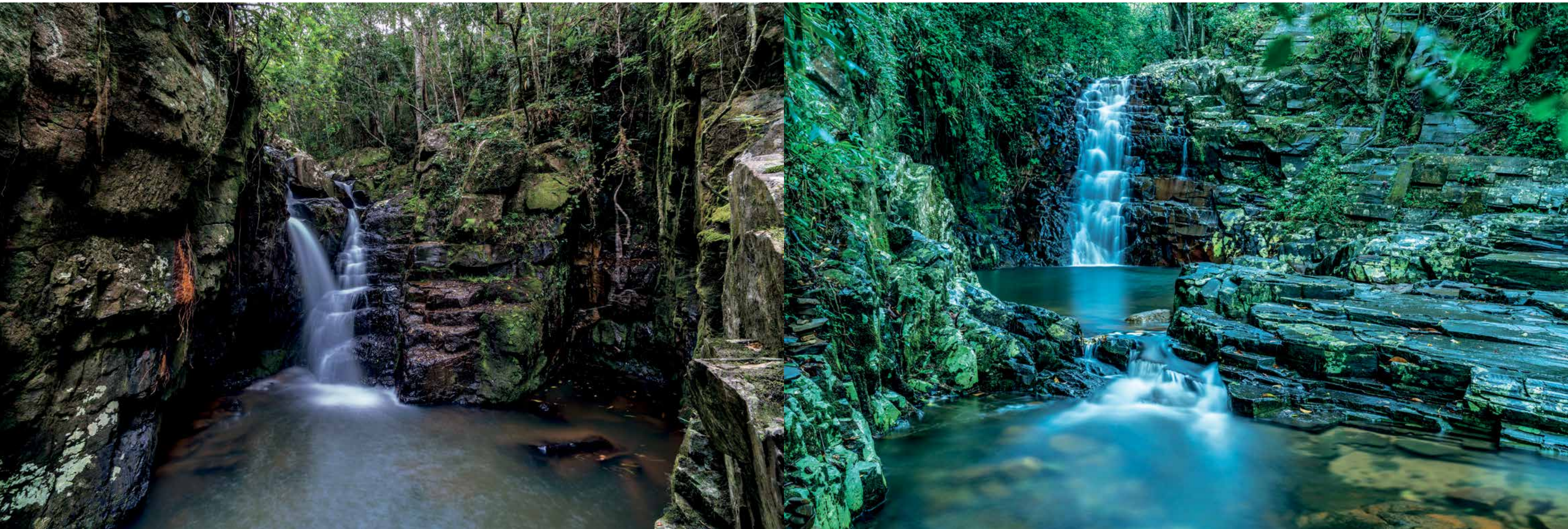




← ↑ Baixio na Reserva Extrativista do Pirajubaé. À esquerda, detalhe de moluscos berbigão, *Anomalocardia flexuosa*.

Sandbank in the Pirajubaé Extraction Reserve. To the left, detail of cockles, *Anomalocardia flexuosa*.

Banco de arena en la Reserva Extractiva del Pirajubaé. A la izquierda, detalle de moluscos berberecho, *Anomalocardia flexuosa*.



↑ Cachoeira da Gurita. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

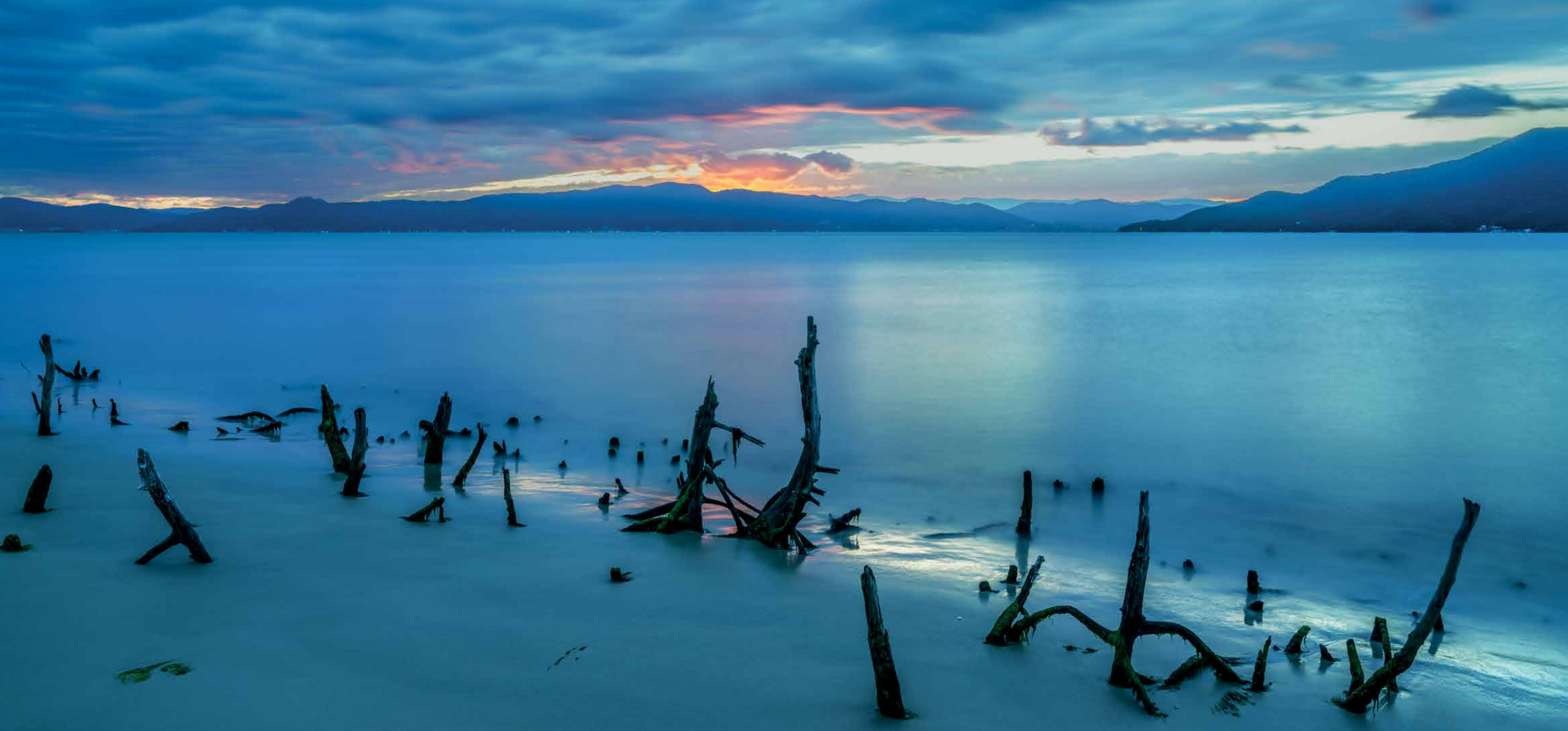
Gurita Waterfall. Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Cascada de la Gurita. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

↑ Cachoeira do Poção. Parque Natural Municipal do Maciço da Costeira.

Cachoeira do Poção (Poção Waterfall). Panoramic view of Maciço da Costeira (Costeira Mountain Range).

Cascada de Poção. Parque Natural Municipal del Maciço da Costeira.



← ← Raízes do manguezal no Pontal da Daniela. Estação Ecológica de Carijós.
Roots in the mangrove forest at Pontal da Daniela. Carijós Ecological Station.
Raíces del manglar en Pontal da Daniela. Estación Ecológica de Carijós.



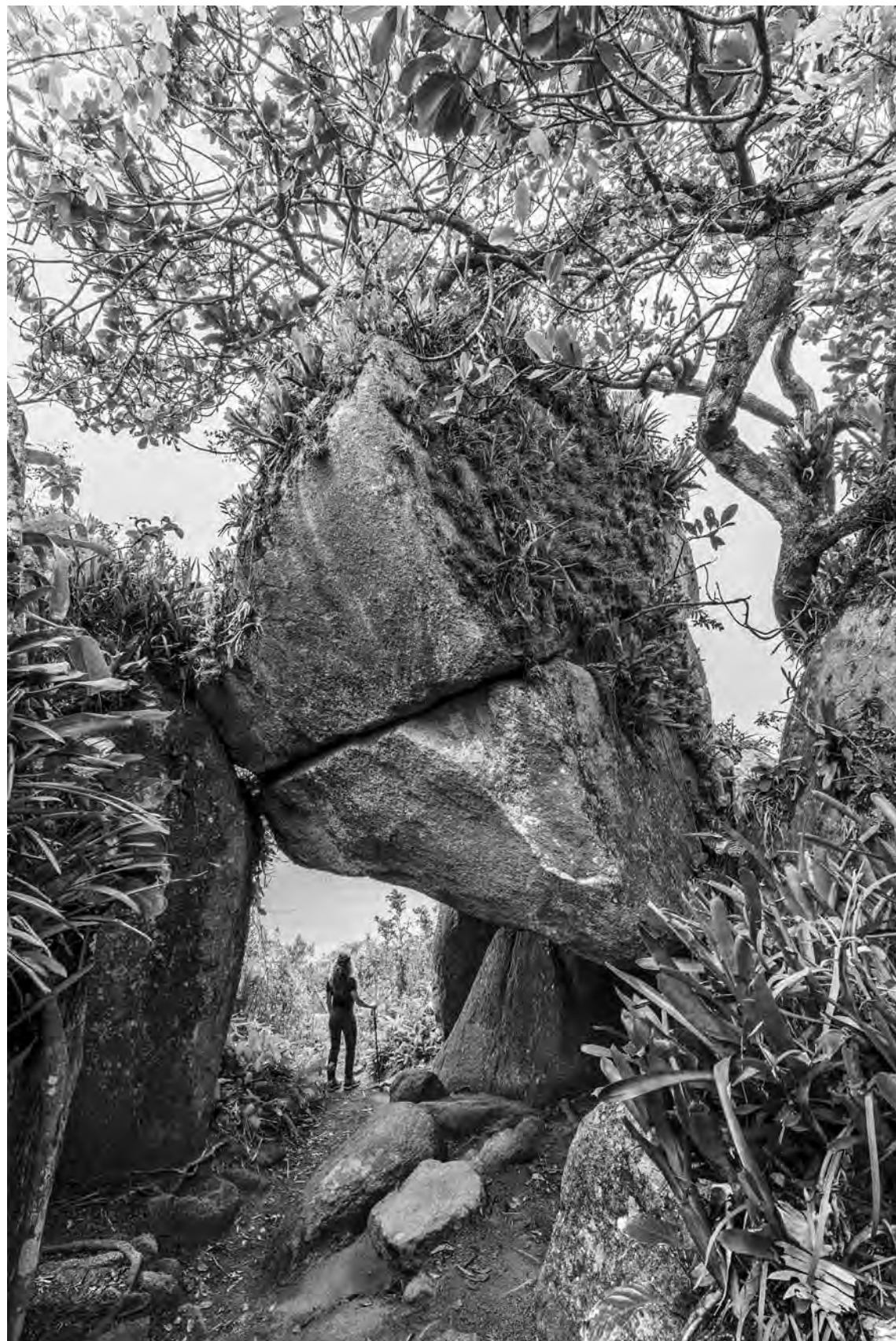
↑ Inscrição rupestre no costão norte da Praia do Santinho.
Rupestrian inscriptions in Praia do Santinho (Santinho Beach), northern shore.
Grabado rupestre en la costa norte de la Praia do Santinho.

→ Conjunto de amoladores fixos em sítio arqueológico no canto leste da Praia dos Ingleses.
A set of fixed grinders in archeological site, eastern end of Ingleses beach.
Conjunto de amoladores fijos en sítio arqueológico en la parte este de la Praia dos Ingleses.



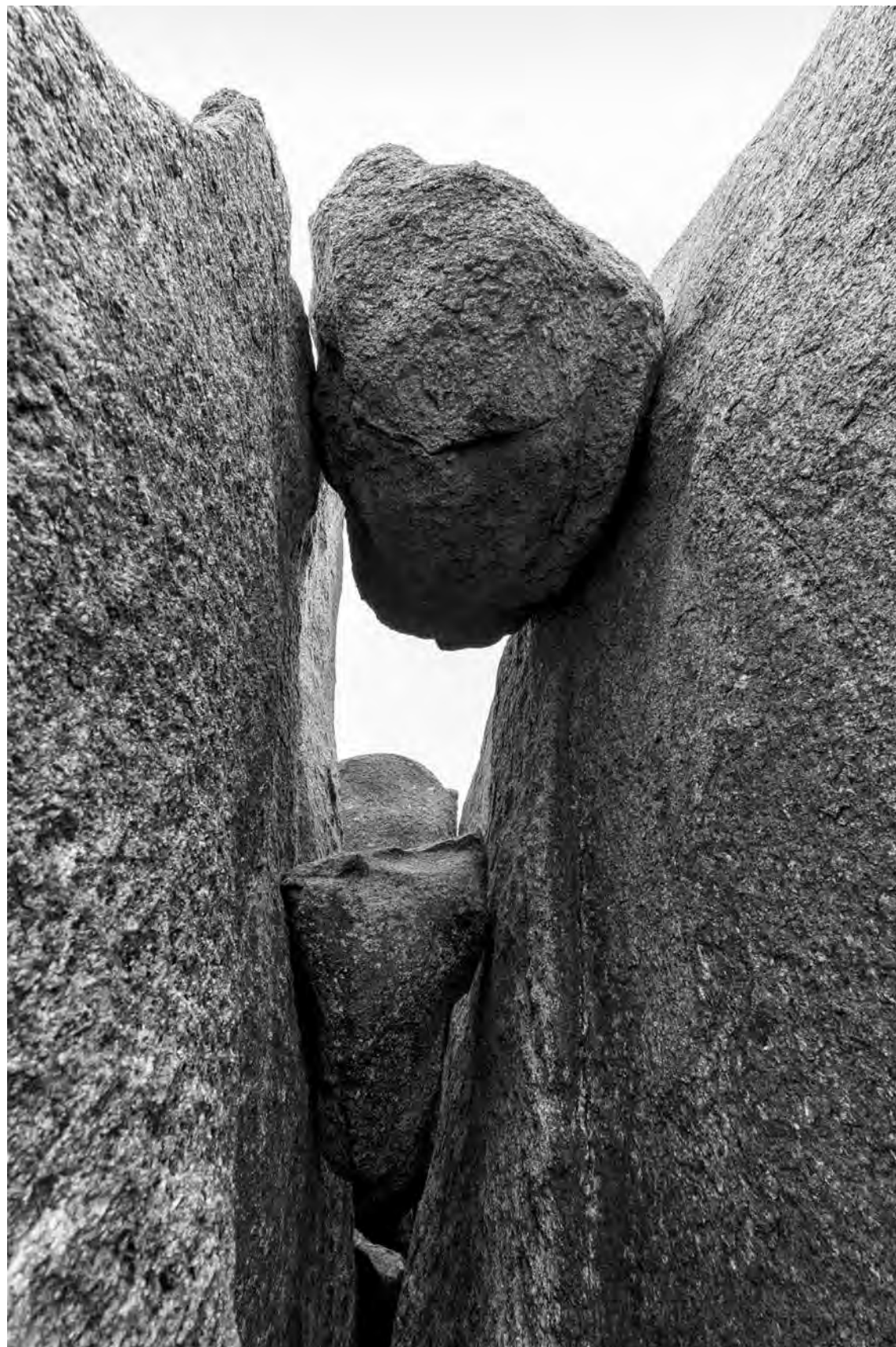
↓ Portal de pedra na trilha da Ponta do Rapa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe. / Stone portal on the trail of Ponta do Rapa. Meimbipe Municipal Wildlife Refuge.

Portal de piedra en el sendero de la Ponta do Rapa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.



↓ Pedras no costão da Ponta do Rapa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe. / Stones on the rocky coast of Ponta do Rapa. Meimbipe Municipal Wildlife Refuge.

Piedras en la costa de la Ponta do Rapa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.



↑ Furna do Pântano do Sul. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste. / Pântano do Sul Cave. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Cueva de Pântano do Sul. Parque Natural Municipal de Lagoinha do Leste.



A Ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil, é local de extrema beleza natural e rica biogeodiversidade. Sua flora diversificada desempenha papel crucial na conservação do equilíbrio ecológico e na qualidade de vida dos habitantes. Ela contribui para a proteção contra enchentes, a regulação do clima, a purificação da água e a manutenção da biodiversidade. Esta flora faz parte da Mata Atlântica, a mais antiga formação florestal do Brasil, e testemunhou o surgimento dos povos originários, deu abrigo aos viajantes e desempenhou papel fundamental como berço do país.

A separação dos continentes Africano e Sul-Americano, com início há cerca de 180 milhões de anos, ainda no período Jurássico, marcou o início de uma longa história na fitogeografia, que resultou na formação da Mata Atlântica. À medida que os continentes se afastavam, diferentes ambientes e condições climáticas surgiam. A flora se diversificou de maneira única, formando uma grande variedade de espécies. Durante o período Quaternário, a floresta passou por uma série de eventos de retração e expansão devido às eras glaciais.

A FLORA E A FUNGA

A Floresta Ancestral

TALITA LAURA GÓES

Durante as fases de resfriamento do planeta, refúgios florestais se formaram, atuando como centros onde a biodiversidade evoluiu de maneira isolada. Essa teoria pode explicar a vasta diversidade encontrada na Mata Atlântica, bem como a presença de muitas espécies únicas e exclusivas.

A diversidade da Mata Atlântica é influenciada pela variedade de biótopos¹. Essa variedade é resultado da extensão territorial do Brasil, cuja floresta se desenvolve em latitudes diferentes, ocupando o país de norte a sul na face litorânea, voltada para o oceano atlântico. A floresta acompanha uma faixa de clima variado e relevos distintos que contribuem para sua riqueza biológica.

← Mata Atlântica, litogravura, acervo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Atlantic Forest, lithograph, collection of the Historical and Geographic Institute of Santa Catarina.

Mata Atlântica, litogravura, acervo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Toda essa variabilidade forma a base para o estabelecimento de ecossistemas extremamente diversos em termos de sua biocenose². A riqueza desse bioma se destaca pelo alto índice de endemismos, onde mais da metade das espécies arbóreas são exclusivas. Além das florestas de encosta, o bioma abriga uma variedade de ecossistemas associados, como dunas, restingas, manguezais, costões rochosos, lagoas costeiras, etc.

A Ilha de Santa Catarina tem estado na rota dos navegadores europeus desde o início da expansão marítima e testemunhou a exploração e desmatamento de sua cobertura florestal da mata atlântica. A história do Brasil está intrinsecamente ligada à história da Floresta Atlântica. Foi nas bordas dessa floresta que o país se fez conhecer para o resto do mundo, e foi de seu interior que veio o nome do país. Foram os navegadores que nos legaram informações de que a Ilha era coberta por uma floresta contínua e verde o ano inteiro. Mas, desde 1526, com a passagem de Sebastião Caboto, que ordenou a derrubada de árvores para a construção de cabanas e de uma galeota em sua estada na Ilha, o desmatamento começou e se intensificou com a chegada dos colonos açorianos a partir de 1748, ao longo de 200 anos. A madeira era explorada para atender às necessidades locais, mas o extrativismo aumentou substancialmente com a chegada dos imigrantes. Freguesias floresciam enquanto a floresta ia ao chão, dando lugar a uma paisagem de pastos e plantações. A intervenção humana se amplia quando se soma a extração permanente de lenha para manter atividades de produção de farinha, cachaça, açúcar, cerâmica, cal, etc.

O desmatamento seletivo e o extrativismo vegetal afetaram severamente a cobertura florestal, eliminando muitas espécies de árvores valiosas econômica e ecologicamente. A Ilha que conhecemos hoje é uma colcha de retalhos com florestas em diferentes estágios de regeneração, ou seja, em sucessões ecológicas diferentes. À medida que as plantas se desenvolvem e se adaptam, a área se transforma de um ambiente inicialmente vazio ou degradado em um ecossistema saudável e equilibrado.

Do final do século XIX até meados do século XX, as áreas de roças começaram a ser abandonadas, e a partir dos anos 1970, as áreas de pastagem e roça começam a dar lugar novamente às florestas, em parte devido à legislação ambiental.

Apesar do desmatamento, alguns fragmentos se mantiveram, conservando um pouco da floresta original, com pouca intervenção humana. Esses remanescentes primários estão especialmente presentes nas morrarias do sul da Ilha, onde a extração foi menos intensa e mais tardia em comparação com a região norte e central.

A conservação de áreas pouco modificadas e a recuperação das áreas em que houve uso intensivo se devem principalmente à criação das primeiras Unidades de Conservação na Ilha na década de 1980. No entanto, o crescimento urbano é concorrente com a conservação, à medida que a paisagem agrícola dá lugar as habitações com a expansão urbana. Isso resultou no isolamento de fragmentos de floresta, com impactos na biodiversidade.

Apesar das perdas na cobertura florestal, os remanescentes de floresta primária desempenham um papel crucial na manutenção da diversidade de espécies, diferenciando-se das florestas secundárias surgidas após o desmatamento. As florestas primárias são ecossistemas únicos, onde a relação entre seus componentes é vital para a manutenção do equilíbrio natural e enriquece a biogeografia da Ilha.

1. São áreas geográficas que compartilham características ambientais semelhantes, incluindo o clima, o solo, a vegetação e outros fatores que influenciam a vida e a ecologia das espécies que habitam essas áreas. Eles são parte integrante do conceito de ecossistema.

2. Refere-se às comunidades de organismos que vivem em um determinado biótopo.

→ Vista aérea da floresta ombrófila densa no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Aerial view of the dense ombrophilous forest in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Vista aérea del bosque húmedo tropical o bosque ombrófilo denso en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

As florestas primárias da Ilha são compostas por grandes árvores densamente dispostas, incluindo espécies como canela-preta, peroba, canela-sassafrás, cedro e palmitero. Destacam-se também epífitas, como *Bromeliaceae*, *Cactaceae* e *Orchidaceae*, além das lianas. No entanto, muitas espécies arbóreas de início de encosta foram extirpadas da Ilha, assim como espécies exclusivas da planície quaternária devido à ocupação de áreas planas.

As florestas primárias são cruciais para a manutenção da diversidade de espécies, diferenciando-se das secundárias, onde ocorre uma homogeneização biótica com predominância de espécies comuns. A floresta é um sistema interconectado, onde todos os seus componentes, incluindo clima, solo, subsolo, vegetação, animais e humanos, estão relacionados de maneira estreita e explícita.

Muitas espécies de plantas e animais dependem diretamente das florestas para abrigo, reprodução e alimentação. Além disso, algumas plantas dependem de animais ou insetos específicos para polinização e reprodução. Nesse complexo equilíbrio natural, a extinção de determinadas espécies pode comprometer a existência de muitas outras.

Além disso, a fragmentação florestal gera uma série de desafios, como o aumento das áreas de borda, isolamento de espécies, invasão de espécies exóticas e acesso humano facilitado, o que pode resultar em incêndios, exploração de recursos naturais e atropelamentos de animais.

É importante lembrar que os povos originários já faziam manejo dessa floresta antes da chegada dos imigrantes, e a natureza intocável não é uma realidade. Viver na natureza implica usá-la e transformá-la, mas a escolha está em quais marcas desejamos deixar para que a floresta continue a se recuperar e atingir seu clímax, expressão mais próxima da floresta ancestral de outrora.





↑ Trilha para a Lagoinha do Leste. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

Trail to Lagoinha do Leste. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Sendero para Lagoinha do Leste. Parque Natural Municipal de Lagoinha do Leste.

→ Resto de tronco de canela-preta, *Ocotea catarinensis*, espécie ameaçada de extinção. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Remnants of a Black cinnamon tree trunk, an endangered species. Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Resto de tronco de canela negra, *Ocotea catarinensis*, especie en peligro de extinción. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.





↑ Manguezal de siriúbas, *Avicenia schauriana*. Estação Ecológica de Carijós. / Mangrove Forest of Siriúbas, *Avicenia schauriana*. Carijós Ecological Station.

Manglar de siriúbas, *Avicenia schauriana*. Estación Ecológica de Carijós.



→ Pneumatóforos (raízes respiratórias da Siriúba).

Pneumatophore (Siriúba breathing roots).

Neumatóforos (raíces respiratorias de Siriúba).



← Líquen-branco, *Cladonia* sp. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

White-lichen, *Cladonia* sp. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Líquen blanco, *Cladonia* sp. Parque Natural Municipal de la Lagoinha do Leste.



↑ Diversos fungos: No alto, à direita, orelha-de-pau, *Pycnoporus sanguineus*. Abaixo, à esquerda, *Ganoderma* sp. Abaixo, à direita, *Mixomycetes* sp. No alto, à esquerda, - Orelha-de-pau não identificada.

Various fungi: At the top, to the right, Pycnoporus sanguineus. Below, left, Ganoderma sp. Below, right, Mixomycetes sp. At the top, left, - unidentified fungus

Vários hongos: En lo alto, a la derecha, oreja de palo, *Pycnoporus sanguineus*. Abajo, a la izquierda, *Ganoderma* sp. Abajo, a la derecha, *Mixomycetes* sp. En lo alto, a la izquierda, oreja de palo no identificada.



← Broméia Ananás-de-cerca, *Ananas bracteatus*. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

Bromeliad Ananás-de-cerca, Ananas bracteatus. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Bromelia Piña tropical roja, *Ananas bracteatus*. Parque Natural Municipal de la Lagoinha do Leste.



↑ Broméia *Vrisea carinata*. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

Bromeliad Vrisea carinata. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Bromelia *Vrisea carinata*. Parque Natural Municipal de la Lagoinha do Leste.



← *Drosera capillaris*, planta carnívora, no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Drosera capillaris, carnivorous plant, in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Drosera capillaris, planta carnívora, en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



↑ *Bromelia Aechmea nudicaulis*, no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Bromeliad Aechmea nudicaulis, in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Bromelia Aechmea nudicaulis, en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

→ Figueira-da-folha-miúda, *Ficus cestrifolia*, no Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.

Figueira-da-folha-miúda, Ficus cestrifolia, in Meiembipe Municipal Wildlife Refuge.

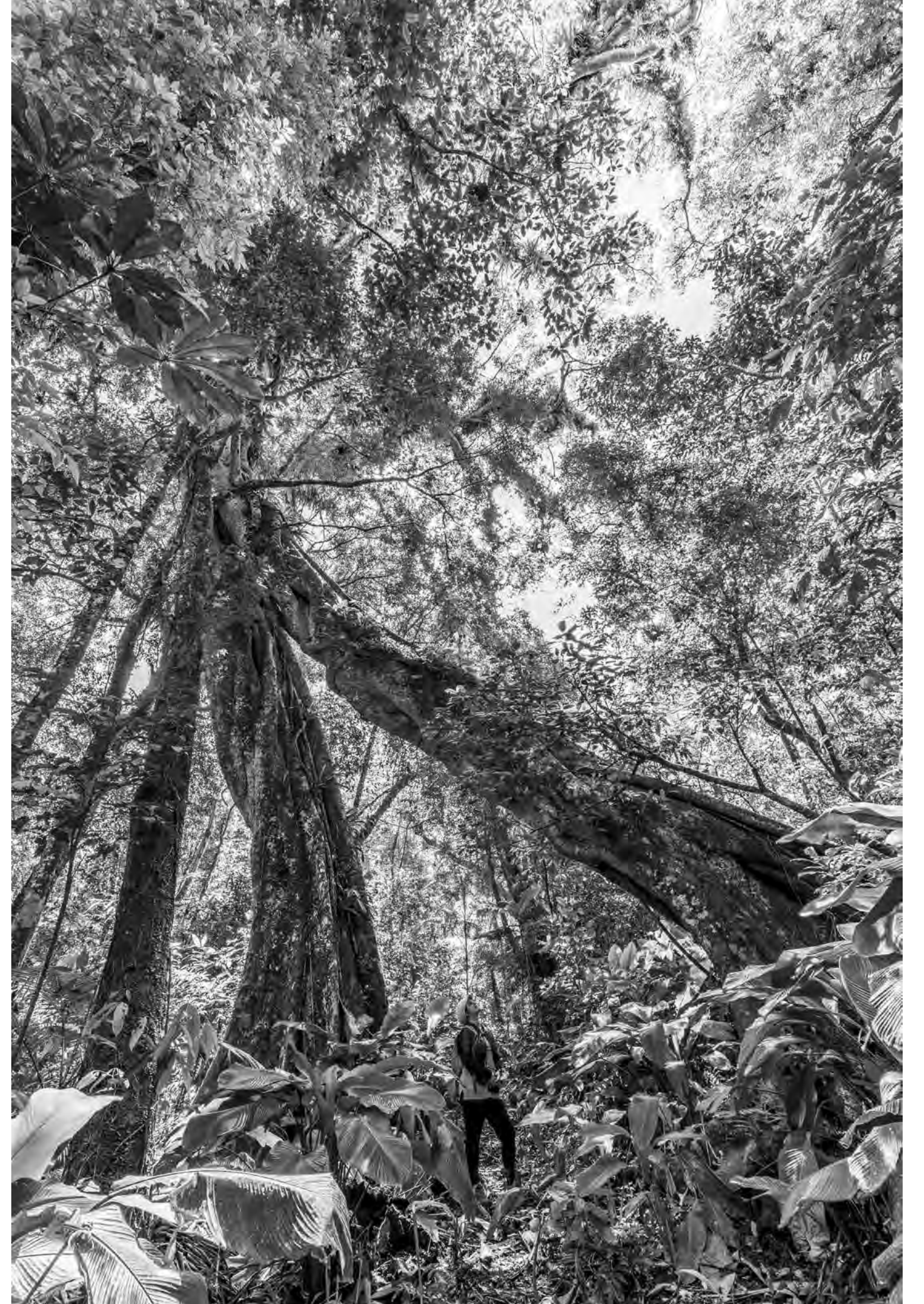
Higerón *Ficus cestrifolia*, en el Refugio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.



→ Figueira-da-folha-miúda, *Ficus cestrifolia*, no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Figueira-da-folha-miúda, Ficus cestrifolia, in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Higerón *Ficus cestrifolia*, en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



↓ Folhas secas no Rio Carambina.
Dry leaves in the Carambina River.
Hojas secas en el Río Carambina.



↑ *Amarilis Hippeastrum puniceum* no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Amarilis Hippeastrum puniceum in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark. / Lirio naranja *Hippeastrum puniceum* en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



← Pasto do Nego, no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Pasto do Nego, in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Pasto do Nego, en el Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



→ Figueira-da-folha-miúda, *Ficus cestrifolia*.
Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Figueira-da-folha-miúda, Ficus cestrifoli, in Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Higuerón *Ficus cestrifolia*. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

A FAUNA

Viagem pela natureza da Ilha de Santa Catarina

LENIR ALDA DO ROSÁRIO

Entre os séculos XVI e XIX, a Ilha de Santa Catarina foi visitada por várias expedições europeias que circulavam pela América do Sul. As duas grandes baías, Norte e Sul, deram à Ilha a condição de porto seguro, servindo para abrigo, abastecimento e reparo dos navios que navegavam com destino à bacia do Prata e ao Pacífico.

Foram as primeiras expedições portuguesas que concederam o nome Ilha dos Patos e Porto dos Patos. A baía Sul também foi batizada de baía dos Patos e rio dos Patos. A razão do nome provavelmente se deu pela presença de muitas aves que poderiam ser patos, marrecos e numerosas aves marinhas. Creio que a maior probabilidade poderia se tratar dos biguás, mergulhões ou atobás-pardos, que são abundantes até hoje.

Os navegadores, militares e naturalistas observaram e deixaram muitos relatos sobre a flora, a fauna, a fartura de alimento e o modo de vida da pequena população que habitava a Ilha. Eles descreveram os posicionamentos geográficos, sinalizando os acidentes físicos do litoral e as condições climáticas que ameaçavam a navegação na entrada das baías. Na maior parte dos relatos observa-se o caráter político, econômico, geográfico e militar, porém, não faltou a admiração pela exuberância da natureza.

Considerando as muitas descrições feitas pelos famosos navegadores, o Morro do Pau da Bandeira, atualmente Morro da Cruz, já ganhava destaque na paisagem devido as importantes funções que desempenhava, tais como a segurança no controle da movimentação portuária, como sítio de lazer, e ainda abastecia a pequena vila com as fontes de água que desciam por suas encostas. O morro da Cruz, na época, já parecia ter atributos de alguma categoria das atuais Unidades de Conservação.



Há duas décadas, antes de findar o século, entraram em cena dois renomados pesquisadores que muito andaram pela ilha de Santa Catarina. Um foi o botânico Raulino Reitz, que estudou e mapeou a flora catarinense, com dedicação especial às bromélias, sendo conhecido por onde passava como o padre dos gravatás. Por vários anos, foi vice-presidente da Fundação do Meio Ambiente, atualmente Instituto do Meio Ambiente. Em 1978, montou uma equipe para estudar as aves do estado de Santa Catarina. Para esse desafio, convidou Helmut Sick, ornitólogo alemão naturalizado brasileiro, que dirigia a seção de ornitologia do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Nesse ano eu havia procurado Raulino Reitz para estudar botânica e acabei por aceitar o desafio de fazer o levantamento das aves do Estado. A vida me presenteou com 12 anos de trabalho e aprendizado junto a essas duas personalidades. Quando Helmut Sick esteve aqui pela primeira vez, em 1978, nossas atividades na Ilha iniciaram pelo setor sul.

A vegetação que cobre as encostas dos morros, desde o Alto Ribeirão até Naufragados, como também do Pântano do Sul e da Lagoinha do Leste, mesmo que secundária, ainda cumpre a função ambiental de abrigar a fauna, conter a erosão do solo, a manutenção dos riachos pelas encostas e a beleza da paisagem, entre outras. Na época, foi surpresa encontrar gralha-azul por toda essa região. Até então, vivíamos com o mito de que a gralha-azul ocorria somente nas regiões serranas de Santa Catarina em floresta de araucária, se alimentando de pinhão e semeando pinheiros. Com a continuidade dos estudos e mapeamento das aves, evidenciamos que a gralha-azul tinha sua distribuição geográfica da região serrana para o litoral.

Os elementos físicos e biológicos (morros, vegetação, fauna) influenciam na regulação do clima, contribuem para inibir as erosões nas encostas, contêm os fortes ventos, evitam o ressecamento do solo, mantêm o equilíbrio das águas nos diversos riachos descendo pelas encostas, planícies e pequenos estuários, polinizam as flores e dispersam sementes garantindo a renovação das matas.

Apesar das várias alterações ambientais nas encostas dos morros e na paisagem das interfaces marinhas na orla, a Ilha ainda reserva uma rica amostra dos elementos que a compõem, como morros, praias, dunas, lagoas, costões, manguezais, enseadas e promontórios.

Do norte ao sul da ilha observa-se uma sequência de cumes perfilando a paisagem. As encostas dos morros ainda exibem parte da exuberante Floresta Ombrófila Densa, atualmente não mais contínua. Creio que os navegadores não tiveram a oportunidade de observar a floração do garapuvu (árvore símbolo de Florianópolis), que, na primavera e no verão, deixa as encostas dos morros pintadas de amarelo intenso. A maioria das cachoeiras trilhando essas encostas continua fornecendo água para todos os ambientes da Ilha e também para as formações dos pequenos estuários e manguezais.

Num litoral em que prevalece o sedimento arenoso, é natural que as praias sejam elementos tão presentes na paisagem, e são as que mais atraem visitantes. Existem aproximadamente 42 delas. Porém, nem todas mantêm um cordão de vegetação de restinga e dunas frontais exercendo proteção significativa nas fases das grandes marés e ressacas. Nas praias, principalmente, no lado leste da Ilha, é comum observar construções com muros e partes de casas destruídas. A vegetação de restinga que cobre as areias, depositadas pelo movimento do mar e transportadas pelos ventos nas baixadas, por vezes até o pé dos morros, quase já não existe mais.

Em relação às formações de dunas móveis e semifixas, mais expressivas para fauna, destacam-se as da praia da Joaquina, que segue até a Lagoa da Conceição e a dos Ingleses. A última está com a paisagem comprometida pela ocupação humana. Por entre as depressões das dunas, nas temporadas chuvosas, formam-se pequenas lagoas intermitentes, que desempenham importante função para a avifauna associada aos ambientes aquáticos. Muitas espécies pertencem a duas grandes correntes migratórias dos hemisférios norte e sul, e fazem parada obrigatória nessas pequenas lagoas para se alimentarem e descansarem durante as viagens. A maioria é composta de aves norte-americanas e outras da região da Patagônia, e até do Círculo Polar Antártico.

A vegetação exuberante nas encostas dos morros das lagoas, da Conceição, do Peri, e da Lagoinha do Leste, é responsável pela proteção das nascentes que alimentam as águas dessas lagoas. A Lagoa da Conceição é um ícone turístico e contém um belo campo de dunas móveis. Sua orla está extremamente urbanizada, com prejuízo ao ecossistema aquático. Vivem nesse ambiente gaivotas, biguás e algumas garças que parecem ter aprendido conviver com a presença humana. A antiga orla arenosa deu espaço para uma avenida com intenso movimento de veículos.

Ao percorrer as encostas dos morros da Lagoa do Peri e da Lagoinha do Leste, avistamos os belos tucanos, as danças dos tangarás, as saíras multicoloridas, o barulho extravagante das aracuãs, das gralhas-azuis e muitos outros encontros. Da ponta da Lagoinha do Leste, no período de migração, é possível observar dos costões, quando de passagem, baleias-francas, golfinhos, albatrozes, e também lobos e leões-marinhos descansando na praia. Nos costões rochosos, por vezes cobertos por adensamentos de bromélias rupícolas, destaca-se o gravatá-de-flores-alaranjadas, endemismo brasileiro do litoral de São Paulo ao Rio Grande do Sul. Nos costões à beira d'água, aves marinhas como os atobás-pardos, gaivotas e trinta-réis são observadas descansando. Outras, como os piru-pirus, se alimentam nas poças d'água por entre os rochedos.

No extremo sul da Ilha está a belíssima Praia dos Naufragados, modelada em uma pequena enseada e presa a dois pequenos promontórios, as pontas dos Naufragados e do Frade. A extensão da praia é marcada pela presença da formação de restinga arbustiva sobre as dunas, e, na planície, pela representação arbórea da Floresta Ombrófila Densa. Nos costões das duas pontas não poderiam faltar os densos agrupamentos do gravatá-de-flores-alaranjadas e a vegetação arbustiva pouco desenvolvida e retorcida pela ação do vento. Na ponta do lado oeste, um farol erguido em 1861 orientava os antigos navegadores na entrada da barra. Do alto do costão também é possível observar, no período de migração, baleias e golfinhos, lobos e leões-marinhos descansando nas praias.

A paisagem litorânea no lado oeste da Ilha de Santa Catarina, banhada pelas águas calmas das baías Norte e Sul, é compreendida por ricos ecossistemas. Uma orla recortada com pequenas enseadas em que se desenvolveram quatro importantes manguezais e pitorescas e famosas praias.

Na enseada, contida ao sul pela planície do Rio Tavares e ao norte pela Ponta Saco dos Limões, se desenvolveu o maior manguezal da Ilha. O mangue do Rio Tavares e o Baixio da Tipitinga fazem parte da Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé. Este é o segundo maior mangue urbano do mundo. Outrora, as águas da Baía Sul praticamente chegavam próximas da estrada antiga, contornando o pé dos morros da Carvoeira e da Costeira, cenário de praias arenosas, lodosas e pequenos costões. O último aterro, finalizado em 2004, com a construção da Via Expressa Sul, trouxe de volta a praia arenosa, e muitas aves residentes e migratórias frequentam este ambiente para se alimentarem ou descansarem.

Os manguezais da Ilha são berçários para muitas espécies da fauna marinha. Eles dão também abrigo para aves raras e ameaçadas de extinção, tais como o guará, a saracura-matraca, o trinta-réis-real e a figuinha-do-mangue, presentes na lista de espécies da fauna ameaçadas de extinção no Estado de Santa Catarina.

O mangue do Itacorubi foi modelado ao longo do tempo pela deposição dos sedimentos marinhos e também pela contribuição dos rios Itacorubi e Sertão. Esta pequena enseada está ao sul amarrada pela Ponta do Lessa e ao norte pela Ponta do Goulart, pitoresco promontório coberto por vegetação arbórea chegando até o costão rochoso próximo do mar. Este manguezal foi um dos que mais impacto sofreu com o crescimento da cidade. Foram cortes para traçados de rodovias, loteamentos e efluentes de esgoto sanitário por toda a bacia do Itacorubi, dos bairros Santa Monica, Trindade, Pantanal, Córrego Grande e Itacorubi. Apesar dos impactos, consegue-se observar que o manguezal continua respirando.

O mangue do Saco Grande, em seu pequeno estuário, tem como principal contribuinte o rio Vadik. Contido ao norte pela Ponta do Siqueira e ao sul pela Ponta do Goulart. Juntamente com o do Ratores, faz parte da Estação Ecológica dos Carijós, com a função de proteger não só o ecossistema como também os ambientes com vegetação da restinga arbórea. A enseada onde se desenvolveu o manguezal do Ratores está amarrada ao norte pelo Pontal da Daniela e ao Sul à ponta da Barra, tendo como principal contribuinte o rio Ratores. Na Estação Ecológica dos Carijós se encontram muitos jacarés, uma diversidade de aves associadas ao ambiente aquático, aves florestais, espécies migratórias, raras e ameaçadas de extinção.

É na orla oeste da Ilha onde se concentra a maior parte de ambientes urbanizados. Apesar de ser inteiramente modelada com a beleza de recortes em que se desenvolveram manguezais e onde se formaram agradáveis praias, é observado o hábito da população, desde a colonização, de ocupar os espaços na linha de praia para a construção de suas moradias. Ao longo do tempo, com o crescimento populacional, se intensificou esse modelo de ocupação, deixando apenas para uso público uma estreita faixa de areia entre as propriedades e o mar. Com este modelo, as interfaces marinhas na maior parte da orla voltada às baías Norte e Sul foram substituídas por moradias e aterros para melhorar o sistema viário e, conseqüentemente, facilitar a comunicação entre as diversas localidades da Ilha. Para compensar, algumas regiões guardam nos cenários pequenos costões e praias ainda com estreitas faixas da restinga litorânea.

As praias de Santo Antônio de Lisboa, Sambaqui e Cacupé têm paisagens aprazíveis, entremeadas por pequenas pontas e costões, e abrigam aconchegantes casas, cafés, restaurantes e lojas de artesanatos. As praias da Daniela, Jurerê, Canasvieiras e Lagoinha são caracterizadas como excelentes balneários, abrigadas dos ventos e pela boa infraestrutura.

Ao sul, temos a pitoresca região do Ribeirão da Ilha, com seu casario típico de valor histórico, marcando a presença açoriana na ilha de Santa Catarina. Por toda a orla, são várias pequenas praias intercaladas com pontas rochosas. A região é famosa pelo desenvolvimento da maricultura, ostras e mariscos.

Foi com o olhar voltado para a conservação ambiental que a Federação, o Estado e o município de Florianópolis trabalharam no decorrer de muitos anos para o incentivo e criação de Unidades de Conservação e outras áreas protegidas. Atualmente, há um total de 19 UCs públicas e privadas, que fazem parte do Bioma da Mata Atlântica para a proteção e conservação da biodiversidade na ilha de Santa Catarina.

↓ Caninana, *Spilotes pullatus*, na Ponta da Felicidade. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

Yellow rat snake, *Spilotes pullatus*, in Ponta da Felicidade. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Serpiente tigre, *Spilotes pullatus*, en la Ponta da Felicidade. Parque Natural Municipal de Lagoinha do Leste.



↑ Bicho-pau, *Cladoxerus* sp, na Ponta do Rapa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.

Stick insect, *Cladoxerus* sp, in Ponta do Rapa. Meimbipe Municipal Wildlife Refuge.

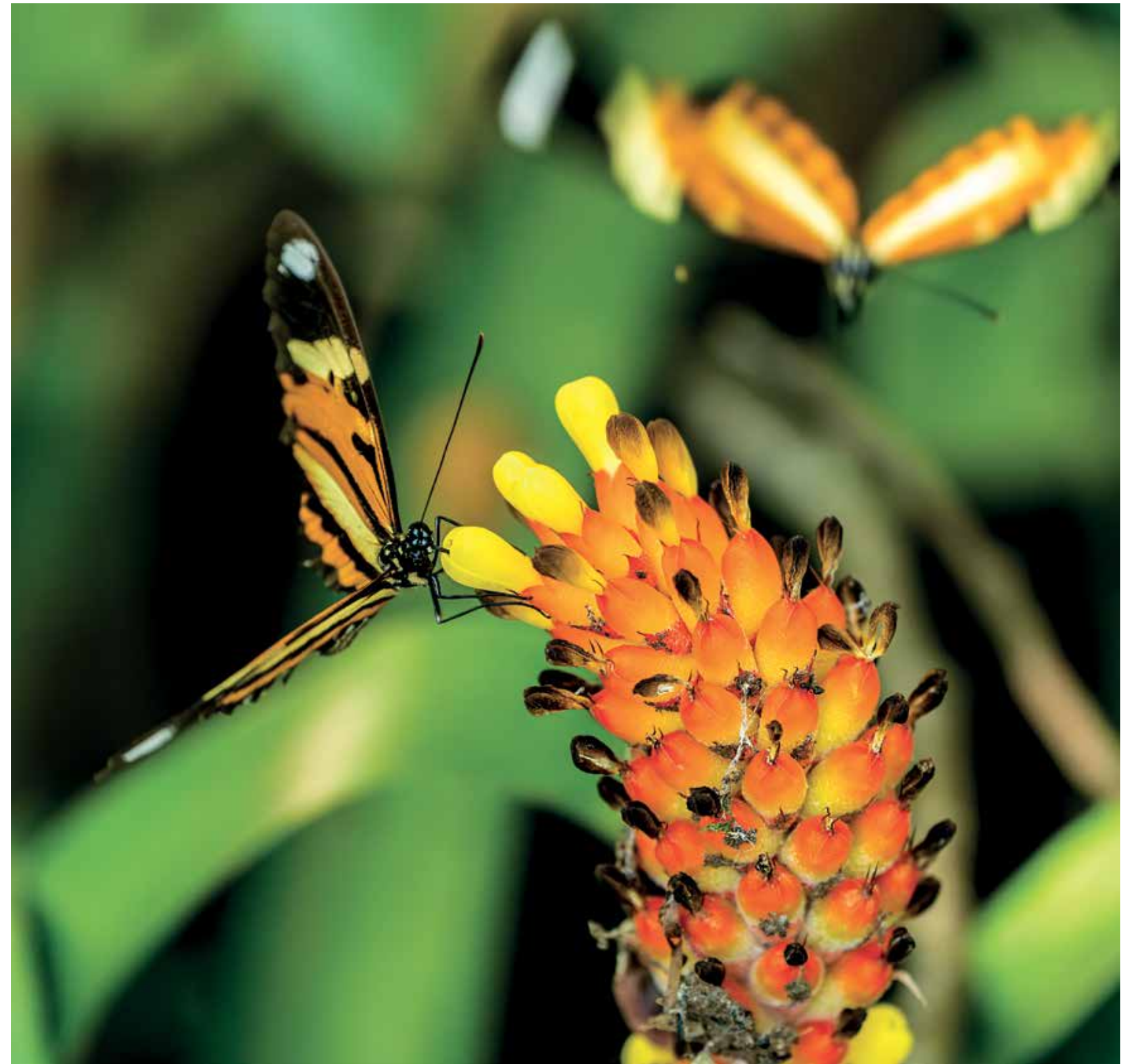
Palotes o insecto palo, *Cladoxerus* sp, en la Ponta do Rapa. Refugio de Vida Silvestre Municipal Meimbipe.



← Ratão-do-banhado, *Myocastor coypus*, no banhado do Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.

Coypu, Myocastor coypus, in the marshes, by the Sand Dunes in Lagoa da Conceição.

Ratão-do-banhado, *Myocastor coypus*, en el estero del Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição.



↑ Bromélia *Aechmea blumenavii* e Borboleta da helicônia, *Heliconius ethilla*. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.

Bromeliad Aechmea blumenavii and heliconia butterfly, Heliconius ethilla. In Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.

Bromelia *Aechmea blumenavii* y Mariposa de la heliconia, *Heliconius ethilla*. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.

↓ Pescador artesanal na Costeira do Pirajubaé.

Traditional fisherman in Costeira do Pirajubaé. / Pescador artesanal en la Costeira do Pirajubaé.



→ Garça-azul, *Egretta caerulea*. Parque Estadual do Rio Vermelho.

Blue heron, *Egretta caerulea*. Rio Vermelho State Park. / Garza azul, *Egretta caerulea*. Parque Provincial de Rio Vermelho.



↓ Atobá-pardo, *Sula leucogaster*, na Costeira do Pirajubaé.

Brown booby, Sula leucogaster, in Costeira do Pirajubaé.

Piquero pardo, *Sula leucogaster*, en la Costeira do Pirajubaé.



→ Fragata *Fregata magnificens*, na Ponta Grossa. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

Magnificent Frigatebird Fregata magnificens, in Ponta Grossa. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Fragata *Fregata magnificens*, en la Ponta Grossa. Parque Natural Municipal de Lagoinha do Leste.





← Garça-branca-grande, *Ardea alba*, na foz do Rio Tavares. Reserva Extrativista do Pirajubaé.
Great Egret, *Ardea alba*, in Rio Tavares estuary. Pirajubaé Extractive Reserve.
Garza blanca, *Ardea alba*, en la desembocadura del Río Tavares. Reserva Extractiva del Pirajubaé.



↓ Garça-moura, *Ardea cocoi*. Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri.
Cocoi heron, *Ardea cocoi*. Lagoa do Peri Natural Municipal Landmark.
Garza mora, *Ardea cocoi*. Monumento Natural Municipal de la Lagoa do Peri.



↓ Rã-manteiga, *Leptodactylus paranaru*.

Rã-manteiga, *Leptodactylus paranaru*.

Rana manteca, *Leptodactylus paranaru*.



← Jararaca-verdadeira, *Bothrops jararaca*. Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

True jararaca, *Bothrops jararaca*. Lagoinha do Leste Natural Municipal Park.

Yarará, *Bothrops jararaca*. Parque Natural Municipal de la Lagoinha do Leste.

↓ Jacaré-do-papo-amarelo, *Caiman latirostris*. Parque Natural Municipal do Manguezal do Itacorubi – Fritz Müller.

Broad-snouted Cayman, Caiman latirostris. Fritz Müller Natural Municipal Park of the Itacorubi Mangrove.

Yacaré overo, *Caiman latirostris*. Parque Natural Municipal del Manguezal do Itacorubi – Fritz Müller.



→ Macaco-prego, *Sapajus nigritus*, na trilha da Costa da Lagoa da Conceição. Refúgio de Vida Silvestre Meiempibe.

Black capuchin, Sapajus nigritus, trail to Costa da Lagoa da Conceição. Meiempibe Municipal Wildlife Refuge.

Capuchino negro, *Sapajus nigritus*, en el sendero de la Costa da Lagoa da Conceição. Refugio de Vida Silvestre Meiempibe.



↓ Siri-azul, *Callinectes danae*, na Praia Lagoinha da Ponta das Canas.

Blue crab, *Callinectes danae*, on the beach of Lagoinha da Ponta das Canas.

Cangrejo azul, *Callinectes danae*, en la Praia Lagoinha de Ponta das Canas.



→ Aratu-vermelho, *Goniopsis cruentata*, na Estação Ecológica de Carijós.

Aratu-vermelho, *Goniopsis cruentata*, in Carijós Ecological Station.

Cangrejo rojo de manglar, *Goniopsis cruentata*, en la Estación Ecológica de Carijós.



↓ Aterro da baía sul na década de 1970, acervo da Casa da Memória de Florianópolis, autor desconhecido.

South Bay landfill in the 1970's, Casa da Memória collection, unknown author.

Terraplén de la Baía Sul. acervo de la Casa da Memória de Florianópolis. Autor desconhecido.



Há muito que uso a expressão Ilha de Nossa Senhora dos Aterros quando falo ou escrevo sobre Florianópolis. Primeiro porque o nome oficial soa mal, mas não por conta da homenagem de uma elite desde sempre escravagista ao tirano chamado Floriano Peixoto, e sim porque é cacofônico mesmo. De 1675 até o golpe do marechal Deodoro, a ilha chamava-se Nossa Senhora do Desterro. Forma e fundo se mesclam nessa caricatura típica de alterar ruas e cidades para nome de gente, no caso dos que ganharam a guerra que deu origem à república. Desde então, os princípios morais, sociais, econômicos e culturais são regras até hoje. Segundo porque é um pedaço de terra cercado de aterros por todos os lados.

AS AMEAÇAS

Ilha da Nossa Senhora dos Aterros

FÁBIO BRÜGGEMANN

É estranho que pessoas queiram morar em uma ilha mas levam o mar para longe. Os aterros acabam sendo um símbolo dessa relação peculiar entre a elite local e o mar e, por extensão, à natureza como um todo. Mas pensando lá no fundo, mais do que uma espécie de oceanofobia, a elite pós-peixoto gosta mesmo é de dinheiro. E os aterros têm mais a ver com dinheiro ganho com as obras do que qualquer outra ideologia. Walter Benjamin anunciou o capitalismo como religião, e Nelson Rodrigues disse que o dinheiro compra até amor verdadeiro. A configuração urbana e social da ilha é fruto dessa mescla de achaque aos recursos públicos mas em defesa do capitalismo, um paradoxo, se é que essa gente sabe o que é um paradoxo.

Ainda que estejamos aqui falando sobre um livro de fotografia de paisagem natural, a destruição da ilha é também urbanística. Um palimpsesto de destruição, como a lógica que impulsiona as guerras: destruir primeiro porque precisam de grana para reconstruir depois. Aterror é destruir não só a natureza, mas aquilo que estava construído, é mudar a paisagem urbana definitivamente, e, com ela, alterar a paisagem natural. No caso da ilha, o aterramento do que antes era mar é a parte mais visível.

Imagino duas coisas agora. A primeira é o como seria hoje a paisagem urbana do centro histórico da Ilha sem os aterros. Ainda que utópica a imaginação, teria tudo para que fosse um dos centros urbanos mais bonitos do país. Não à toa, basta olhar as fotografias de cidade pré-aterros para constatar. A segunda é que, em um futuro remoto, é bem possível que a paisagem urbana dos aterros, principalmente a da beira-mar norte – com prédios padronizados e de arquitetura de gosto duvidoso – seja demolida porque considerada “velha”. Não só isso, mas porque a máquina da construção precisa da destruição. Daqui a cem anos, a avenida e seus prédios serão patrimônio histórico, e não faltará gente como eu a fazer passeatas contra as demolições.

É paradoxo, claro, mais uma vez. Mas a história das urbanizações é feita destas contradições. O poeta Charles Baudelaire, quando da destruição dos casarios do centro parisiense, pelo projeto do barão Georges-Eugène Haussmann, escreveu contra. Mas a Paris de hoje, que todos admiram como sendo uma das paisagens urbanas mais visitadas do mundo, existe pela obra de Haussmann. Porém, não há aterros, muito menos arquitetura ruim.

No mesmo cenário, digamos, quando daqui a cem anos alguém folhear as páginas desse livro do Zé Paiva, misto de documento e contemplação, de esmero técnico e estético, talvez pense em como a ilha de nossa senhora doa aterros era ainda preservada. Muito por conta e força das Unidades de Conservação. Nessa utopia, meu sonho é a volta do mar para o centro histórico. Também penso em destruição, mas do asfalto sem vida dos aterros.

→ Sagui-de-tufo-preto, *Callithrix penicillata*, espécie exótica invasora na Mata Atlântica do sul do Brasil, endêmica nos biomas cerrado e caatinga da região nordeste.

Black tufted marmoset, Callithrix penicillata, exotic species invader to the Atlantic Forest in the South of Brazil, endemic species in the biomes of Cerrado and Caatinga of the Northeast Region.

Titi de pincel negro, *Callithrix penicillata*, especie exótica invasora en la Mata Atlántica del sur de Brasil, endêmica en los biomas del Cerrado y Caatinga de la región noreste.





← Vista aérea das dunas dos Ingleses onde está localizada a comunidade Vila do Arvoredo, ocupação irregular iniciada nos anos 80.

Aerial view of Ingleses Sand Dunes where the community of Vila do Arvoredo is located, an irregular occupation that began in the eighties.

Vista aérea de las dunas de Ingleses, donde está localizado el asentamiento Vila do Arvoredo, ocupación irregular iniciada en los años 80.

↓ Jacaré-de-papo-amarelo, *Caiman latirostris*. Parque Natural Municipal do Manguezal do Itacorubi, região que tem problemas com a poluição por esgoto doméstico.

Broad-snouted Cayman, Caiman latirostris. Natural Municipal Park of the Itacorubi Mangrove, an area that has issues with pollution from domestic waste.

Yacaré overo, *Caiman latirostris*. Parque Natural Municipal del Manguezal do Itacorubi, región que tiene problemas con la contaminación del desagüe doméstico.



↑ Casas no Morro da Costeira, região limite com o Parque Natural Municipal do Maciço da Costeira.

Houses on Morro da Costeira, a region bordering the Municipal Natural Park of Maciço da Costeira (Costeira Mountain Range).

Casas en el Morro da Costeira, región que limita con el Parque Natural Municipal del Maciço da Costeira.



↑ Trilha irregular para veiculos 4x4 no Morro da Lagoa. Refúgio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.
Irregular trail for four wheel drive vehicles on Morro da Lagoa. Meiembipe Municipal Wildlife Refuge.
Sendero irregular para vehículos 4x4 en el Morro da Lagoa. Refugio de Vida Silvestre Municipal Meiembipe.



↓ Estrada João Belarmino da Silva e dunas do Pântano do Sul.
João Belarmino da Silva Road and sand dunes in Pântano do Sul.
Ruta João Belarmino da Silva y dunas de Pântano do Sul.





Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma apoiaram este projeto. Foi uma grande rede e, por isso, talvez nem todas sejam citadas aqui. Agradeço em especial ao Mauro Manoel da Costa por todo o apoio e incentivo dado ao projeto desde a ideia inicial, que na verdade foi dele. Agradecimento especial também para meu guia de campo Rodrigo Dalmolin e minha assistente de fotografia Mariana Colin. A Talita Laura Goés e Lenir Alda do Rosário pela parceria nas trilhas e pela identificação de muitas espécies. Também colaborou na identificação de espécies Ricardo Wagner Binfaré.

Agradeço também a Adriana Nunes, Alexandre Bock, Ana Cimardi, Bianca Parizzotto, Casa da Memória, Gustavo Fonseca, José Olímpio, Maurício Venturi, Orlando Ferretti, Rafael Magalhães, Ricardo Arcari, Renato Rizzaro, Ricardo Arcari, Rodrigo Dalmolin, Rogério Guimarães Só de Castro e Salete Pereira.



Making Of



1. Zé Paiva num dos trapiches da Costeira do Pirajubaé.
Zé Paiva on one of the piers at Costeira do Pirajubaé.
Zé Paiva en uno de los muelles de la Costeira do Pirajubaé.

2. Zé e Mariana remando na canoa canadense na Lagoa da Conceição.
Zé and Mariana rowing on the Canadian canoe in Lagoa da Conceição.
Zé y Mariana remando en la canoa canadiense en la Lagoa da Conceição.

3. Zé e Mariana em algum costão da Ilha lutando para equilibrar o tripé.
Zé and Mariana on one of the island's rocky coast formations, struggling to balance the tripod mount. / Zé y Mariana en algún Costão da Ilha luchando para equilibrar el tripode.

4. Zé, Mariana e Rodrigo no Morro da Galheta.
Zé, Mariana and Rodrigo on the Galheta Hill.
Zé, Mariana y Rodrigo en el Morro da Galheta.

5. Mariana, Zé e Lenir na Costeira do Pirajubaé.
Mariana, Zé and Lenir in Costeira do Pirajubaé.
Mariana, Zé y Lenir en la Costeira do Pirajubaé.

6. Equipamentos prontos para expedição no Rio Ratones.
Equipment ready for expedition on the Ratones River.
Canoa lista para ser cargada para una expedição en el Río Ratones.

7. Zé, Talita e Mauro no Sertão do Ribeirão.
Zé, Talita and Mauro in Sertão do Ribeirão.
Zé, Talita y Mauro en el Sertão do Ribeirão.

8. Rodrigo com uma caninana na Ponta da Felicidade.
Rodrigo with a yellow rat snake at Ponta da Felicidade.
Rodrigo con una serpiente tigre en la Ponta da Felicidade.

9. Gustavo preparando a armadilha fotográfica.
Gustavo preparing the camera trap.
Gustavo preparando la trampa fotográfica.

10. Zé decolando o drone nas Dunas da Lagoa.
Zé taking off the drone at Lagoa's sand dunes.
Zé despegando el dron en las dunas de la Lagoa da Conceição.

11. Alexandre remando na Lagoa do Peri.
Alexandre rowing in Lagoa do Peri.
Alexandre remando en la Lagoa do Peri.

12. Zé e Mariana no Costão dos Ingleses.
Zé and Mariana at Ingleses rocky coast.
Zé y Mariana en el Costão de Ingleses.

en la playa. En los acantilados, a veces cubiertas por adensamientos de bromelias rupícolas, se destaca el gravatá-de-flores-anaranjadas, endemismo brasileño del litoral de São Paulo a Río Grande do Sul. En los acantilados más próximos al mar, aves marinas como los piqueros pardos, gaviotas y charranes son observadas descansando. Otras, como los ostreros, se alimentan en los charcos de agua formados entre las rocas.

En el extremo sur de la Isla está la bellísima playa de los Naufragados, modelada en una pequeña ensenada y presa a dos pequeños promontorios, las puntas de los Naufragados y del Frade. La extensión de la playa está marcada por la presencia de la formación de restinga arbustiva sobre las dunas, y, en la llanura, por la representación arbórea del Bosque Ombrófilo Denso. En las costas de las dos puntas no podrían faltar los densos grupos de gravatá-de-flores-anaranjadas y la vegetación arbustiva poco desarrollada y retorcida por la acción del viento. En el extremo oeste, un faro erigido en 1861 guiaba a los antiguos navegantes en la entrada de la Barra. Desde lo alto del acantilado también es posible observar, en el período de migración, ballenas y delfines, lobos y leones marinos descansando en las playas.

El paisaje costero en el lado oeste de la Isla de Santa Catarina, bañada por las aguas calmas de las bahías Norte y Sur, está surcado por ricos ecosistemas. Una orilla recortada con pequeñas ensenadas en la que se desarrollaron cuatro importantes manglares y pintorescas y famosas playas.

En la ensenada, contenida al sur por la llanura del Río Tavares y al norte por la punta de Saco dos Limões, se desarrolló el mayor manglar de la Isla. El manglar del Río Tavares y el Baixio de Tipitinga forman parte de la Reserva Extractivista Marina do Pirajubaé. Este es el segundo manglar urbano más grande del mundo. Antaño, las aguas de la Bahía Sur prácticamente llegaban cerca de la ruta antigua, bordeando el pie de los morros de la Carvoeira y de la Costera, escenario de playas arenosas, lodosas y pequeños acantilados. El último terraplén, finalizado en 2004, con la construcción de la autopista "Vía Expressa Sul", trajo de vuelta la playa arenosa, y muchas aves residentes y migratorias frecuentan este ambiente para alimentarse o descansar.

Los manglares de la isla son espacios de abrigo para muchas especies de fauna marina. También dan refugio a aves raras y en peligro de extinción, tales como el ibis escarlata, la tingua, el charrán y el conirrostro bicolor, presentes en la lista de especies de fauna en peligro de extinción en el Estado de Santa Catarina.

El manglar de Itacorubi fue modelado a lo largo del tiempo por la deposición de los sedimentos marinos y también por la contribución de los ríos Itacorubi y Sertão. Esta pequeña ensenada está al sur amarrada por la Punta del Lessa y al norte por la punta del Goulart, pintoresco promontorio cubierto por vegetación arbórea que llega hasta el acantilado rocoso cerca del mar. Este manglar fue uno de los que más impacto sufrió con el crecimiento de la ciudad. Tuvo cortes para trazados de rutas, loteos y efluentes de alcantarillado sanitario por toda la cuenca del Itacorubi, de los barrios Santa Mônica, Trindade, Pantanal, Córrego Grande e Itacorubi. A pesar de los impactos, se consigue observar que el manglar continúa respirando.

El manglar de Saco Grande, en su pequeño estuario, tiene como principal contribuyente el Río Vadik, contenido al norte por la Punta del Siqueira y al sur por la del Goulart. Junto con el de Ratones, forma parte de la Estación Ecológica de los Carijós, con la función de proteger no solo el ecosistema sino también los ambientes con vegetación de la restinga arbórea. La ensenada donde se desarrolló el manglar de Ratones está amarrada al norte al Pontal da Daniela y al Sur a la Ponta da Barra, teniendo como principal contribuyente el Río Ratones. En la Estación Ecológica de los Carijós se encuentran muchos yacarés, una diversidad de aves asociadas al ambiente acuático, aves forestales, especies migratorias, raras y en peligro de extinción.

Es en la orilla oeste de la Isla donde se concentra la mayor parte de ambientes urbanizados. A pesar de ser enteramente modelada con la belleza de recortes en que se desarrollaron manglares y donde se formaron agradables playas, se observa el hábito de la población, desde la colonización, de ocupar los espacios en la línea de playa para la construcción de sus viviendas. A lo largo del tiempo, con el crecimiento poblacional, se intensificó ese modelo de ocupación,

dejando solo para uso público una estrecha franja de arena entre las propiedades y el mar. Con este modelo, las interfaces marinas en la mayor parte de la orilla frente a las bahías Norte y Sur fueron sustituidas por viviendas y terraplenes para mejorar el sistema vial y, consecuentemente, facilitar la comunicación entre las diversas localidades de la Isla. Para compensar, algunas regiones guardan en sus escenarios pequeñas costas y playas aún con estrechas franjas de la restinga costera.

Las playas de Santo Antônio de Lisboa, Sambaqui y Cacupé tienen paisajes apacibles, entreveradas por pequeñas puntas o lenguas de tierra que penetran el mar y acantilados, y albergan acogedoras casas, cafés, restaurantes y tiendas de artesanías. Las playas de Daniela, Jurerê, Canasvieiras y Lagoinha se caracterizan como excelentes balnearios, al abrigo de los vientos, y por la buena infraestructura.

Al sur, tenemos la pintoresca región de Ribeirão da Ilha, con su caserío típico de valor histórico marcando la presencia azoriana en la isla de Santa Catarina. Por toda la orilla, se intercalan varias pequeñas playas con puntas rocosas. La región es famosa por el desarrollo de la maricultura, ostras y mariscos.

Fue con la mirada puesta en la conservación ambiental que el Estado, la Provincia y el municipio de Florianópolis trabajaron en el transcurso de muchos años para el incentivo y la creación de Unidades de Conservación y otras áreas protegidas. Actualmente, hay un total de 19 UCs públicas y privadas, que forman parte del Bioma de la Mata Atlántica para la protección y conservación de la biodiversidad en la isla de Santa Catarina.

ISLA DE NUESTRA SEÑORA DE LOS TERRAPLENES Fábio Brüggemann

Hace mucho que uso la expresión Isla de Nuestra Señora de los Terraplenes [Ilha de Nossa Senhora dos Aterros] cuando hablo o escribo sobre Florianópolis. Primero porque el nombre oficial suena mal, pero no por el homenaje de una élite que ha sido desde siempre esclavista al tirano llamado Floriano Peixoto, sino porque es simplemente cacofónico. Desde 1675 hasta el golpe del mariscal Deodoro, la isla se llamaba Nuestra Señora del Destierro [Nossa Senhora do Desterro]. Forma y fondo se mezclan en esa caricatura típica de modificar calles y ciudades por nombres de personas, en este caso, de los que ganaron la guerra que dio origen a la república. Desde entonces, los principios morales, sociales, económicos y culturales son reglas hasta hoy. Segundo, porque es un pedazo de tierra rodeado por terraplenes por todos lados.

Resulta extraño que las personas quieran vivir en una isla, pero lleven el mar lejos. Los terraplenes acaban siendo un símbolo de esa relación peculiar entre la élite local y el mar y, por extensión, con la naturaleza como un todo. Pero, en el fondo, más que una especie de oceanofobia, a la élite post-Peixoto lo que le gusta es el dinero. Y los terraplenes tienen más que ver con el dinero ganado con las obras que cualquier otra ideología. Walter Benjamin anunció el capitalismo como religión, y Nelson Rodrigues dijo que el dinero compra hasta el amor verdadero. La configuración urbana y social de la isla es fruto de esa mezcla de daño a los recursos públicos, aunque en defensa del capitalismo, una paradoja, si es que esa gente sabe lo que es una paradoja.

Aunque estamos aquí hablando de un libro de fotografía del paisaje natural, la destrucción de la isla es también urbanística. Un palimpsesto de destrucción, como la lógica que impulsa las guerras: destruir primero porque necesitan dinero para reconstruir después. Hacer terraplenes, es destruir no solo la naturaleza, sino lo que estaba construido, es cambiar el paisaje urbano definitivamente y, con él, modificar el paisaje natural. En el caso de la isla, el levantamiento de esos terraplenes sobre lo que antes era mar es la parte más visible.

Imagino dos cosas ahora. La primera es cómo sería hoy el paisaje urbano del centro histórico de la Isla sin los terraplenes. Aunque sea utópica imaginación, tendría todo para que fuera uno de los centros urbanos más bonitos del país. No es en vano, basta con echar un vistazo a las fotografías de la ciudad anteriores a los terraplenes para constatarlo. La segunda es que, en un futuro remoto, es muy probable que el paisaje urbano de los terraplenes, principalmente el de la Avenida Beira-Mar Norte – con edificios estandarizados y de

una arquitectura de dudoso gusto – sea demolido por ser considerado "viejo". No sólo eso, sino porque la máquina de la construcción necesita la destrucción. Dentro de cien años, la avenida y sus edificios serán patrimonio histórico, y no faltará gente como yo haciendo marchas contra las demoliciones.

Es una paradoja, por supuesto, una vez más. Pero la historia de las urbanizaciones está hecha de estas contradicciones. El poeta Charles Baudelaire, durante la destrucción de los caseríos del centro parisino, por el proyecto del barón Georges-Eugène Haussmann, escribió en su contra. Pero la París de hoy, que todos admiran como uno de los paisajes urbanos más visitados del mundo, existe por la obra de Haussmann. Sin embargo, no hay terraplenes, mucho menos mala arquitectura.

En el mismo escenario, digamos, cuando dentro de cien años alguien hojee las páginas de este libro de Zé Paiva, mezcla de documento y contemplación, de esmero técnico y estético, quizás piense en cómo la Isla de Nuestra Señora de los Vertederos (Ilha de Nossa Senhora dos Aterros) era aún preservada. Mucho por responsabilidad y fuerza de las Unidades de Conservación. En esa utopía, mi sueño es la vuelta del mar al centro histórico. También pienso en la destrucción, pero del asfalto sin vida de los terraplenes.

AGRADECIMIENTOS

Agradezco a todas las personas que, de alguna manera, apoyaron este proyecto. Fue una gran red y por eso, quizás, no todas sean citadas aquí. Agradezco en especial a Mauro Manoel da Costa por todo el apoyo y el incentivo dado al proyecto desde la idea inicial, que, en realidad, fue de él. Un agradecimiento especial también a mi guía de campo, Rodrigo Dalmolin, y a mi asistente de fotografía, Mariana Colin. A Talita Laura Goés y Lenir Alda del Rosário por el compañerismo en los senderos y por la identificación de muchas especies. También colaboró en la identificación de especies Ricardo Wagner Binfaré.

Gracias también a Adriana Nunes, Alexandre Bock, Ana Cimardi, Bianca Parizzotto, Casa da Memória, Gustavo Fonseca, José Olímpio, Maurício Venturi, Orlando Ferretti, Rafael Magalhães, Ricardo Arcari, Renato Rizzaro, Ricardo Arcari, Rodrigo Dalmolin, Rogério Guimarães Só de Castro y Salette Pereira.

Tudo que não invento é falso.

MANOEL DE BARROS



Bio



Zé Paiva nasceu em 1961 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Trocou a engenharia pela fotografia após uma longa viagem pela Europa e norte da África, em 1983. Em 1984, mudou-se para Florianópolis onde abriu seu estúdio. Por 20 anos, desenvolveu trabalhos de fotografia publicitária e industrial. Em paralelo, manteve um trabalho fotográfico autoral, exibido em diversas exposições. Em 1993, estudou no International Center of Photography, em Nova Iorque.

A partir de 2004, com o livro *Santa Catarina – Cores e Sentimentos*, lançado pela Editora Escrituras, dedicou-se mais a fotografia autoral. Concebeu o projeto *Expedição Natureza Santa Catarina*, que resultou no livro lançado em 2005 pela editora Letras Contemporâneas. Em 2008, lançou o segundo livro da série, *Expedição Natureza Gaúcha*, em parceria com a Editora Metalivros. Em 2012, lançou o terceiro livro da série: *Expedição Natureza Tocantins*.

Em 2012, concluiu Pós Graduação em Fotografia pela UNIVALI. Ensinou fotografia na UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina), na ESPM – Porto Alegre e expôs em várias cidades do Brasil, entre elas o projeto “Bichos do Sul”, visto por mais de 70 mil pessoas. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Raulino Reitz, da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina, em 2002. Em 2009, foi selecionado para a coleção Pirelli MASP de fotografia e, em 2010, foi finalista do Prêmio Conrado Wessel, na categoria ensaio fotográfico. Em 2012, recebeu o Prêmio Marc Ferrez da FUNARTE com o projeto “Iluminados, personagens da Ilha de Santa Catarina”.

Desde 2016, vive na aldeia budista Mendjila em Santa Catarina.

Zé Paiva was born in 1961 in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. He switched from engineering to photography after a long trip through Europe and North Africa in 1983. In 1984 he moved to Florianópolis where he opened his studio. For 20 years he developed advertising and industrial photography work. At the same time, he maintained his own photographic work, exhibited in several exhibitions. In 1993 he studied at the International Center of Photography, in New York.

*From 2004 onwards, with the book *Santa Catarina – Cores e Sentimentos*, released by Editora Escritos, he dedicated himself more to authorial photography. He conceived the *Expedição Natureza Santa Catarina* project, which resulted in the book released in 2005 by the publisher Letras Contemporâneas. In 2008, he released the second book in the series, *Expedição Natureza Gaúcha*, in partnership with Editora Metalivros. In 2012 he released the third book in the *Expedição: Natureza Tocantins* series.*

In 2012 he completed his postgraduate degree in Photography from UNIVALI. He taught photography at UDESC (State University of Santa Catarina) at ESPM - Porto Alegre. He held exhibitions in several cities in Brazil, including the “Bichos do Sul” project, which was seen by more than 70 thousand people. He received several awards, including the Raulino Reitz, from the Santa Catarina Environment Foundation, in 2002. In 2009 he was selected for the Pirelli MASP photography collection. In 2010 he was a finalist for the Conrado Wessel Award in the photo essay category. In 2012 he received the Marc Ferrez Award from FUNARTE with the project “Iluminados, personagens da Ilha de Santa Catarina”.

Since 2016, he has lived in the Buddhist village Mendjila in Santa Catarina.

Zé Paiva nació en 1961 en Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Pasó de la ingeniería a la fotografía después de un largo viaje por Europa y el Norte de África en 1983. En 1984 se trasladó a Florianópolis donde abrió su estudio. Durante 20 años desarrolló trabajos de fotografía publicitaria y industrial. Paralelamente mantuvo su propia obra fotográfica, expuesta en varias exposiciones. En 1993 estudió en el Centro Internacional de Fotografía, en Nueva York.

A partir de 2004, con el libro *Santa Catarina – Cores e Sentimentos*, publicado por la Editora Escritos, se dedicó más a la fotografía de autor. Concibió el proyecto *Expedição Natureza Santa Catarina*, que resultó en el libro publicado en 2005 por la editorial Letras Contemporâneas. En 2008, publicó el segundo libro de la serie, *Expedição Natureza Gaúcha*, en colaboración con la Editora Metalivros. En 2012 publicó el tercer libro de la serie *Expedição: Natureza Tocantins*.

Em 2012 realizou su posgrado en Fotografía en la UNIVALI. Enseñó fotografía en la UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina) en la ESPM - Porto Alegre. Realizó exposiciones en varias ciudades de Brasil, entre ellas el proyecto “Bichos do Sul”, que fue visto por más de 70 mil personas. Recibió varios premios, entre ellos el Raulino Reitz, de la Fundación Medio Ambiente de Santa Catarina, en 2002. En 2009 fue seleccionado para la colección de fotografía Pirelli MASP. En 2010 fue finalista del Premio Conrado Wessel en la categoría ensayo fotográfico. En 2012 recibió el Premio Marc Ferrez de FUNARTE con el proyecto “Iluminados, personagens da Ilha de Santa Catarina”.

Desde 2016 vive en la aldea budista Mendjila, en Santa Catarina.



Impresso na Gráfica Coan em Tubarão, SC em janeiro de 2024 com papel Couche Fosco Design 150g da Suzano e tintas Toyo Ink offset TK NV100 - 100% Vegetal, 0% VOC.

As famílias de fontes utilizadas foram: Didot e Montserrat.